

VITÓRIA SANTOS

**O “CONDUTOR DA MASSA” DE GUSTAVE LE BON E A
FIGURA DO LÍDER NO POPULISMO CONTEMPORÂNEO:
UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA COMPARATIVA**



VITÓRIA SANTOS

**O “CONDUTOR DA MASSA” DE GUSTAVE LE BON
E A FIGURA DO LÍDER NO POPULISMO
CONTEMPORÂNEO: UMA INVESTIGAÇÃO
SOCIOLÓGICA COMPARATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Santos, Vitória
S273” O “condutor da massa” de Gustave Le Bon e a figura do líder
no populismo contemporâneo: uma investigação sociológica
comparativa / Vitória Santos. -- Araraquara, 2022
69 p. : tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura -
Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade
de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

VITÓRIA SANTOS

**O “CONDUTOR DA MASSA” DE GUSTAVE LE BON E A
FIGURA DO LÍDER NO POPULISMO CONTEMPORÂNEO:
UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA COMPARATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado
ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da
Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara,
como requisito para obtenção do título de Bacharel
em Ciências Sociais.

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Data da defesa/entrega: 13/08/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin – Unesp/ Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Maria Aparecida Chaves Jardim – Unesp/ Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Renata Medeiros Paoliello – Unesp/Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e minha avó, Rosi e Maria Izaura, fonte de minha força e inspiração na superação dos desafios enfrentados, por todo o apoio e dedicação que tiveram durante toda a minha vida para que eu sempre persistisse e fosse feliz em cada uma de minhas conquistas.

À Mariana, que nem por um momento me deixou pensar que eu não conseguiria concluir o trabalho em questão. Ao meu orientador, por ter acreditado em mim desde o segundo ano do curso e me auxiliado durante este importante passo em minha vida pessoal e profissional.

“Os senhores do mundo possuíam um conhecimento
instintivo da alma das multidões. conhecendo-a bem,
tornaram-se facilmente seus senhores” (Gustave Le Bon)

RESUMO

Resumo: Neste trabalho, apresentamos uma comparação da figura do condutor das massas analisada por Gustave Le Bon, em *Psicologia das Massas* (1895), com a figura do líder no partido político populista Lega, representada por Matteo Salvini, a fim de compreender, por meio da comunicação direta que ocorre por meio de postagens diárias em mídias digitais, a manifestação técnica dessa forma de política e a instrumentalização de emoções inerente a ela, que possibilitou as diversas vitórias da Lega na política italiana e leva sua forma de governo como exemplo para outros países.

Palavras – chave: Psicologia das massas. Populismo Digital. Matteo Salvini. Mentalidade. Redes Sociais.

ABSTRACT

Abstract: In this work we present a comparison between the figure of the Leader of Crowds analyzed by Gustave Le Bon, *The Crowd: A Study of the Popular Mind* (1895), with the figure of the leader in the populist political party Lega, represented by Matteo Salvini, in order to understand, through the direct communication that occurs through daily postings in digital media, the technical manifestation of this form of politic, and the instrumentalization of emotions inherent to it, enabling the various victories of Lega in Italian politics and taking its form of government as an example to other countries.

Keywords: Psychology of crowds. Digital Populism. Matteo Salvini;. Mentality. Social Network.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	08
2.	TRANSIÇÃO ENTRE PERÍODOS HISTÓRICOS: O SOLO IDEAL PARA O SURGIMENTO DO LÍDER DE MASSAS	
2.1	A constituição fundamental das Massas: da ruína aristocrática à formação da alma coletiva	10
2.2	Neoliberalismo: a nova ausência de referências	21
3.	A ANÁLISE COMPARATIVA: NEXOS CAUSAIS ENTRE A FIGURA DO LÍDER DE LE BON E A FIGURA DO LÍDER POPULISTA CONTEMPORÂNEO	33
4.	POPULISMO DIGITAL	49
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

1. INTRODUÇÃO

“A voz das multidões tornou-se preponderante. Dita aos reis sua conduta. Não é mais nos conselhos dos príncipes, mas *nas almas das massas que os destinos das nações se preparam*”

Le Bon, *Psicologia das massas*

Gustave Le Bon fora um dos teóricos pioneiros em dedicar-se à compreensão do gigante que surge em tempos de efervescência social: o fenômeno das *massas*. A massa, em um sentido amplo, caracteriza um agrupamento pessoas, um grande público contido em determinado espaço. A perspicácia de Le Bon, entretanto, foi compreendê-la em seu sentido histórico e social mais profundo: enquanto um fenômeno de características bem delimitadas que emerge junto às transformações de uma sociedade, marcando um período de transição, um período em que não existe uma fonte de poder consolidada o suficiente para oferecer sentido comum, portanto um período em que a imaginação coletiva está suscetível a ser impressionada e preenchida pela força social que melhor for capaz de criar tal sentido. Le Bon identificou a massa em sua formação, características e tendências gerais, a fim de interpretar o fenômeno que surge enquanto um novo soberano rompendo com o formato da estrutura social baseada em aristocracias, e a partir de então elaborar possibilidades de ação para conter o poder da massa, que entendeu enquanto irrefreável e passível de gerar consequências inauditas.

A proposta elaborada após o diagnóstico foi baseada em duas vias principais de ação: I) a oferta de uma educação pública, na qual, através dela, seriam reproduzidos os valores que se ambicionasse cristalizar para formar a sociedade ideal, reconduzindo-a à ordem desejada; II) a figura do condutor de massas, um líder capaz de gerar o encantamento necessário para unir a massa em um caminho e possibilitar que se assimile rapidamente os valores que aos poucos seriam introduzidos pelo sistema educacional.

O objetivo geral da pesquisa é comparar o sentido e o significado do condutor das massas presente na obra de Gustave Le Bon, *Psicologia das Massas* (1895), com a figura do líder no partido político populista *Lega*, dirigido por Matteo Salvini. *Psicologia das Massas* de Gustave Le Bon foi apreciado por diversas lideranças políticas dos regimes políticos democráticos e, sobretudo, totalitários. Queremos investigar a presença das técnicas de governo das massas desenvolvidas por Le Bon nas manifestações estéticas e políticas dos partidos populistas na era digital: como a figura do líder se manifesta através da força das palavras e das imagens de alto teor emotivo, como captura e mantém a atenção dos indivíduos e das pessoas,

como interage com os seguidores através das postagens diárias realizadas no Facebook, Twitter e Instagram, como obtém sucesso nas eleições.

Assim, realizaremos uma análise sociológica comparativa entre as duas emblemáticas figuras, concentrada em três etapas fundamentais. A primeira etapa visa compreender o que há de singularidade, especificidade, em cada um dos tipos: qual é a origem histórica, qual é o sentido e o significado dos valores, das ideias, das ideologias existentes nas formas de vida. Na segunda etapa, apresentaremos a correspondência lógica, a causalidade histórica e sociológica, entre as respectivas formas e os conteúdos, as aparências e as essências presentes nas manifestações sociais dos tipos. Embora os períodos analisados sejam distintos em estrutura política, econômica e cultural, portanto ideológica, interessa compreender o solo profícuo que ambos dispõem para fomentar a constituição da massa, fertilizado por incertezas e desorientações inerentes a períodos de transição. Na terceira, buscamos expor como os valores, as ideias, as ideologias dos tipos se relacionam com as questões econômicas, políticas e culturais do seu tempo histórico.

Ao final, buscamos concluir demonstrando a relevância das teorias e autores utilizados no trabalho para a compreensão do problema e desenvolvimento da análise, bem como reiteramos a singularidade sobre a qual se expressa o fenômeno do populismo contemporâneo e a pertinência de compreendê-la em comparação à análise do condutor das massas de Gustave Le Bon.

2. TRANSIÇÃO ENTRE PERÍODOS HISTÓRICOS: O SOLO IDEAL PARA O SURGIMENTO DO LÍDER DE MASSAS

2.1 A constituição fundamental das Massas: da ruína aristocrática à formação da alma coletiva

O primeiro diagnóstico de uma era em que as massas estariam no centro do poder e das decisões políticas fora feito por Gustave Le Bon, já no final do século XIX. Grandes transformações sociais permeiam tal análise do estudioso francês, transformações que ultrapassam os limites da política e da economia. De acordo com o autor, a transformação da sociedade não ocorre quando se manifesta por meio de um fenômeno aparente, como revoluções, atos históricos e aniquilamento de dinastias. Em verdade, estas são apenas a vegetação que cresce sobre um solo inteiramente fertilizado pelas verdadeiras responsáveis pela mudança: a dimensão das ideias, que são “lentamente implantadas nos espíritos” (LE BON [1885], 2018, p.21). Le Bon vivenciou o impacto da mudança nas ideias que havia sido primeiramente manifestado da Revolução Francesa, com uma união do *povo* (camponeses e burgueses) para pôr fim aos poderes e privilégios da Aristocracia. Tal fenômeno, influenciado pelas *novas* ideias que a corrente Iluminista vinha disseminando, em especial no que toca o conceito de igualdade e universalidade, acaba por findar o Antigo Regime, bem como toda sua base ideológica pautada em um poder inquestionável e indissolúvel, concentrado na mão de poucos. A partir de então, essa mudança nas ideias passa a ser consolidada e desenvolvida direcionada para a concepção da força que se pode ter um grupo de pessoas unidas em prol de um determinado objetivo.

Tal concepção serviu de base para a forma com que a política passa a ser exercida doravante, bem como para as formações revolucionárias que vem a se configurar. Um exemplo evidente desse fato está concentrado no acontecimento histórico da Comuna de Paris, definido por Karl Marx como “[...] a forma sob a qual a classe trabalhadora assume o poder político em seus baluartes sociais” (MARX, 2011, p.169). Em outras palavras, a Comuna se configurou enquanto um período em que, influenciados por ideais revolucionários que visavam pôr fim a exploração e dominação das classes ditas dominantes, trabalhadores se uniram com a finalidade de se apossar do poder político para, assim, sedimentar uma nova sociedade baseada em uma configuração igualitária de produção e distribuição de todos os bens da sociedade, de cooperação, liberdade e universalidade. A experiência comunal se espalhou por diversas partes

da França em 1871, desde Marselha, passando por Lyon, Narbonne, Saint-Étienne, Toulouse e Creusot, mas foi em Paris que perdurou por mais tempo, se iniciando em 18 de Março e permanecendo até o dia 28 de Maio. No total, foram 71 dias de experiência da organização proletária em Paris, abolindo leis antigas – como a obrigatoriedade do alistamento, o exército permanente, salários que ultrapassassem seis mil francos, pagamentos estatais para fins religiosos, símbolos e dogmas religiosos nas escolas, prisões arbitrárias, trabalho noturno, lojas de penhores, juros sobre as dívidas – e instaurando novas – como elegibilidade de estrangeiros para a Comuna, tendo em vista sua bandeira da universalidade, separação entre Igreja e Estado, transição de toda propriedade da Igreja em propriedade nacional, pagamento de pensão a todos os feridos e viúvas e filhos de guardas nacionais executados em combate, organização de açougues municipais, requisição de imóveis vazios para alojar as vítimas de bombardeios, dentre outras. Uma experiência de transformação radical dos valores sobre os quais o poder estava assentado, que apresentava êxito, até ser dissipada após sete dias de guerra civil, denominada semana sangrenta.

Esse foi o contexto histórico que lançou bases para que Le Bon pudesse escrever sua obra *Psicologia das Massas*, marcado pela ascensão das massas na busca pelo poder e, portanto, por uma mudança profunda na estrutura social, que coloca em *crise* tudo que estava estabelecido, desde a política até a economia, com o emergente processo de industrialização. A esse último ponto damos devida atenção por configurar uma segunda profunda transformação própria do período histórico da ascensão das massas. A industrialização altera não apenas as relações de trabalho, com o impactante advento da máquina que passa a ocupar o espaço de virtude próprio do *trabalho vivo* (Marx [1867], 1969, p. 139) até então, oferecendo um novo sentido às diversas dimensões do trabalho, como as relações sociais provenientes, o espaço, o tempo e a compreensão deste. Modifica por definitivo as relações em todas as esferas da sociedade, conforme estimula o êxodo rural pela busca de trabalho e melhores condições de vida nos centros urbanos e, dessa forma, o estabelecimento de aglomerados de pessoas em moradias precárias e novas doenças que adquirem agora a capacidade epidêmica, como foi o caso da cólera, devido ao deslocamento de um número maior de pessoas. Gera também injustiças ainda mais evidentes, com a exploração dos trabalhadores para que atendam o tempo das máquinas e produzam cada vez mais, que acaba por impulsionar organizações políticas e sindicais pela luta dos direitos trabalhistas, uma nova forma de organização de massas fundamentada em ideais socialistas. Algumas de suas reivindicações são relatadas da obra de Gustave Le Bon, dentre elas estão a redução das horas de trabalho e a limitação dos privilégios

das classes mais abastadas em prol de uma distribuição igualitária dos bens disponíveis na sociedade, reivindicações que considera que passíveis de “destruir completamente a sociedade atual [uma sociedade baseada na aristocracia e em poderes e privilégios de uma classe em detrimento da outra] para reconduzi-la ao comunismo primitivo” (LE BON [1885], 2018, p.21) próprio de grupos humanos que, segundo o autor, não seriam *civilizados*.

Tais foram os acontecimentos econômicos e políticos que fizeram surgir a modernidade, um tempo histórico que, como observou Le Bon, nasce da própria crise. Crise que, nesse sentido, se demonstra enquanto uma consequência lógica da dissolução de valores até então absolutos e do declínio daquilo que foi estabelecido enquanto a moral de uma sociedade. A modernidade emerge marcando o fim da existência do absoluto – na figura do pai, do sacerdote ou de figurações da oligarquia –, substituindo essa moralidade única e forte vigente por *tipos* de moralidades diferentes, de acordo com a classe e o grupo que o indivíduo se encontra inserido, produzindo ideologias, concepções de mundo e valores múltiplos que disputam a hegemonia política e a capacidade de ordenar a sociedade e o sentido da história.

A crise da modernidade, desse modo, se configura enquanto uma crise da razão. Uma razão consequente do desenvolvimento de si própria, idealizada desde Hegel como uma razão capaz de criar um progresso moral e crítico, capaz de afastar o ser humano do irracional, da vontade absoluta por poder, da violência, da dominação e aproximá-lo de valores universais, tais como a liberdade, igualdade, reconhecimento recíproco e a emancipação humana, porém que, com o progresso técnico das forças produtivas apropriadas pelo capitalismo, transmuta-se em uma razão instrumental, concentrada no domínio da natureza, na ação social que visa adequar meios e fins, vencer as concorrências, obter mais valor, acumular renda e recursos, bens e oportunidades.

Antonio Gramsci construiu uma brilhante compreensão desse período de crise. Embora sua análise seja voltada para o contexto histórico pós-Primeira Guerra Mundial, analisando a ruptura dos grupos políticos com a estrutura social do período anterior à guerra, com bases no Estado Liberal e em partidos políticos tradicionais, destaca características fundamentais de um período de transição de estruturas sociais, de reascensão das massas na luta política e de uma crise capaz de combinar o aspecto da economia e da representatividade, a qual é chamada de *crise orgânica*. Acerca desse período, Gramsci destaca:

O aspecto da crise moderna que se lamenta como onda de materialismo está ligado ao que se chama de crise de autoridade. Se a classe dominante perde o consenso, ou seja, não é mais dirigente, mas unicamente dominante, detentora

da pura força coercitiva, isso significa exatamente que as grandes massas se destacaram das ideologias tradicionais, não acredito mais no que antes acreditavam etc. A crise consiste justamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer: neste interregno, verifica-se os fenômenos patológicos mais variados. (GRAMSCI, 2001, p.184)

“Interregno” é um conceito de Gramsci capaz de compreender a ruptura retratada por Le Bon entre a ideologia até então dominante e as massas, possibilitando que elas estejam suscetíveis à novas ideias e adquiram a capacidade de se movimentar contra tudo que estava estabelecido. Le Bon consegue observar esse movimento, relaciona à crise da sociedade aos seguintes fatores fundamentais: I) a destruição de crenças religiosas, políticas e sociais que estavam na base da cultura e II) a criação de condições de vida e pensamento inteiramente novas, geradas pelas descobertas modernas das ciências e indústria, e analisa que o advento das massas marca “uma das últimas etapas das civilizações do Ocidente, um retorno aos períodos de confusão anarquia que precederam a eclosão das novas sociedades.” (LE BON [1885], 2018, p.21). É a partir do medo desse movimento das massas, que descreve duas terapias para conter o fenômeno que, segundo ele, configura “um novo poder, último soberano da idade média: o poder das massas” (LE BON [1885], 2018, p.21). A primeira terapia está concentrada em uma educação pública, forjada nos valores das classes dominantes, como a manutenção de uma racionalidade não crítica, porém eficiente no que toca o adestramento da população rumo a uma estabilidade social, em outras palavras, em uma ausência de conflitos devido à ausência de um pensamento forte contrariando o poder estabelecido; uma educação que reproduza, para todos aqueles que um dia poderiam se rebelar contra a ordem hegemônica, a resignação e obediência frente ao que lhe for imposto. A segunda terapia – e o ponto que conecta a análise Le Bon à contemporaneidade –, está concentrado em uma figura fundamental de sua análise: a figura do “condutor das massas”. Para que a figura do condutor das massas possa ser compreendida, é necessário que se tenha bem entendido como se configura essa massa, quem está na formação dela e por quais razões se forma.

A massa, no sentido comum, segundo Le Bon, pode ser qualquer agrupamento de pessoas unidas pelo acaso, independente de ideologia, gênero, classe social ou nacionalidade. Porém, do ponto de vista psicológico, em circunstâncias específicas, a massa adquire um novo significado, se tornando um agrupamento de pessoas que adquirem características novas, distintas daquelas que manifestavam enquanto indivíduos isolados, e, a partir disso “a personalidade consciente desaparece, os sentimentos e as ideias de todas as unidades orientam-

se numa mesma direção”, formando “uma alma coletiva [...] que apresenta características muito nítidas.” (LE BON [1885], 2018, p.29). Essa coletividade é caracterizada pelo autor como uma *massa psicológica*, em outras palavras, um aglomerado de pessoas que, conforme despidas de suas personalidades e convicções pessoais, se tornam um só ser e passam a pensar e agir submetidos à *lei da unidade mental das massas*.

Para que se configure enquanto massa psicológica, não basta apenas uma reunião de pessoas sem objetivos comuns em um espaço. Estar no mesmo espaço nem ao menos é um requisito de extrema relevância quando pensamos nessa formação psicológica. Mesmo dispersados em lugares diferentes do mundo, um grande acontecimento que chegue ao conhecimento de uma parcela de indivíduos pode despertar neles a característica de uma massa psicológica, ao passo que milhares de indivíduos reunidos podem não adquirir. Os indivíduos que a compõem também não precisam compartilhar da mesma posição social, profissão ou nível de educação. Quando um ideal capaz de uni-los em uma massa se manifesta, eles seriam dotados de uma *alma coletiva*, que os levam a sentir, agir e pensar diferente do que seria o comum para cada um isoladamente. Desse modo, um cientista e uma pessoa que sequer teve contato com a ciência poderiam facilmente estar unidos por uma causa que fere os ideais de um deles, caso fosse dotado de uma *alma coletiva* que assim preconiza.

O exemplo evidencia uma das características apresentadas na obra enquanto parte da essência da massa: suas ações não são baseadas na racionalidade. Esta, por sinal, estaria em um plano consciente não acessado por elas, pois são movidas pelos impulsos do inconsciente, as pulsões, as emoções e os sentimentos. Le Bon verifica a importância da compreensão desses três sentidos na ação humana, tendo em vista que “os homens nunca se comportam seguindo as prescrições da razão pura” (LE BON [1885], 2018, p.25), importância que já havia rendido reflexões na filosofia, como demonstrado a partir do aforismo do filósofo Jean-Jacques Rousseau: “Se é a razão que forma o homem, é o sentimento que o conduz.”.

Se tais sentidos implicam diretamente na ação do ser humano isolado, em grupo essa inclinação tende a se agravar. O número oferece a experiência inédita ao indivíduo da sensação de um poder ilimitado, que é capaz de tudo conquistar e de que nada seria capaz de restringir sua força, o que permite com que o indivíduo unido em massa ceda mais facilmente aos instintos que sozinho teria que refrear, seja por medo das consequências ou por não contar com o respaldo de demais pessoas incentivando o ato. Dessa forma, as emoções experimentadas pela massa são exageradas, provocam impulsividade, espontaneidade nos atos, entusiasmos. Segundo Le Bon, a manifestação de tais emoções são próprias de *formas inferiores de evolução*, nesse caso, da

criança, do *selvagem*, dos povos latinos e da mulher, esta última retratada como a representação da falta de controle e racionalidade, do excesso de emotividade e da histeria intrínseca às massas. O número é o primeiro fenômeno que permite aflorar características da alma coletiva e, a partir dessa característica, um grande valor da vida em sociedade é colocado em risco: o senso de responsabilidade social. Se a quantidade oferece a possibilidade de aflorar impulsos do inconsciente que escondemos isoladamente, ao passo que estimula o sentimento de invencibilidade e de irrestrição para suas ações, as consequências para o coletivo ou partes dele deixam de ser calculadas e relevantes.

O segundo fenômeno é chamado de *contágio mental*. Acerca deste, Le Bon destaca que “Em uma massa, todo sentimento, todo ato é contagioso, e contagioso ao ponto de que o indivíduo sacrifique muito facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo” (LE BON [1885], 2018, p.33). Este se configura enquanto uma consequência do próprio número, de forma que, caso seja capaz de impressionar a imaginação das massas e encontrar ressonância nelas, uma ideia adquire a qualidade contagiosa: se espalha e penetra no interior de cada indivíduo que a compõe.

O contágio social é um efeito do terceiro fenômeno que possibilita o surgimento das características da alma coletiva: a sugestionabilidade. Tendo entendido que o indivíduo, quando se une em uma massa, perde sua personalidade consciente e já não age mais segundo a racionalidade que o guiava anteriormente, pode-se compreender que passa a estar suscetível a comandos externos de ação, entrando em um estado muito próximo do fascínio que o hipnotizado encontra no hipnotizador, obedecendo cegamente aos sentimentos e ideias que lhe são sugeridas, ainda que estas em nada estejam relacionadas com o que costuma manifestar habitualmente. A sugestão encontra ainda maior ressonância nas massas do que encontraria no próprio hipnotizado com seu hipnotizador, visto que, devido ao fenômeno do contágio social, as emoções experimentadas por um indivíduo na massa são recíprocas entre todos os que a compõem, levando todas as mentalidades a uma mesma orientação, de modo que qualquer sentimento ou ato sugerido ganha uma força excessiva, que muitas vezes nem ao menos condiz com a realidade do fato em que está relacionada. Isso se deve ao fato de que, além de não contar com sua plena racionalidade, estando suscetíveis ao fenômeno da sugestionabilidade, as massas pensam de uma forma particular, por meio do que Le Bon analisa enquanto uma distorção da realidade, na qual um simples acontecimento pode tomar uma forma desfigurada, de sentido e significado completamente opostos. Seu pensamento seria elaborado através de imagens evocadas a partir das palavras, e a imagem evocada acaba por evocar outras imagens que não

mantém nexos com a primeira e que um pensamento racional seria facilmente capaz de demonstrar a falta de lógica na ligação entre estas, contudo, como já visto, as massas se guiam pelo apelo emotivo, o pensamento racional não as contempla. O núcleo da sugestão contagiosa estaria concentrado nessa distorção da realidade, que poderia ser individual, no caso de uma pessoa que, observando um fato, remete-se a outros fatos baseados em suas crenças e convicções, acabando por conceber uma perspectiva sobre tal fato que não condiz com o que ele realmente apresenta. Mas se torna coletiva, a medida em que o indivíduo sugestiona sua perspectiva e é capaz de contagiar outros indivíduos, que acabam por fortalecer essa incapacidade de separar o subjetivo do objetivo por compartilharem das mesmas crenças.

O processo citado pode ser resumido na seguinte equação apresentada por Le Bon: uma sugestão operada, adicionada a uma multidão expectante, resulta em uma alucinação coletiva, que é aceita por todos mediante sua capacidade contagiante. A essa equação, soma-se também a predominância do inconsciente na vida cognitiva do indivíduo em massa, amplamente estudada pelo psicanalista Sigmund Freud, em sua obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, fator que, juntamente ao sentimento de potência oferecido pelo grupo, à orientação de sentimentos e ideias por meio da sugestão e ao contágio social, torna possível a facilidade de tornar tais ideias em atos, dependendo da intensidade em que o excitante é capaz de sustentar sua sugestão.

A importância do exagero dos sentimentos, já ligeiramente explanada, oferece bases para a compreensão da força da ideia sugestionada, como também para as demais características que a massa assume quando estruturada. Dentre elas, podem ser citadas a intolerância, o autoritarismo e o conservadorismo, como demonstrações de total aversão a qualquer novidade que possa modificar seu modo de vida ou o coloque sob alguma contestação e ameaça, característica analisada pelo autor enquanto um respeito *fetichista* às tradições, isto é, às tradições que estão conectadas ao seu modo de pensar e ao estilo de vida e pensamento que deseja proteger, expressando aversão ainda maior às manifestações de contradição e opiniões diversas das suas. De acordo com Le Bon, “é sobretudo sobre o indivíduo da massa que se age quando se evocam sentimentos de glória, honra, religião e patriotismo” (LE BON [1885], 2018, p.58), e é a partir de tais sentimentos, calcados no apelo ao tradicional, que se manifestam seu desejo de proteção do novo, de estar encaixado em um grupo de valores capaz de oferecer sentido às amarguras que muitas vezes não consegue nomear, de sentir a força que a condição de indivíduo comum em uma sociedade não é capaz de oferecer.

Aqui deve-se ater a compreensão do motivo pelo qual os sentimentos de glória, honra, religião e patriotismo são fundamentais nessa formação: são sentimentos facilmente remetidos a imagem de força, potência e união, porém baseados em ideias simples, acessíveis a todos os membros de um Estado-nação. É fundamental que assim o seja, visto que “Quaisquer que sejam as ideias sugeridas às multidões, só podem se tornar dominantes na condição de adotarem uma forma muito simples e estarem representadas em seu espírito sob o aspecto de imagens” (LE BON [1885], 2018, p.62). Dessa forma, ainda que a ideia sugerida esteja assentada sobre um solo fértil e profícuo das mais sofisticadas e elaboradas concepções, deve ser simplificada de modo que possa ser facilmente assimilada e vertida em sentimento, tendo por certo que só assim será capaz de penetrar no inconsciente. As ideias compartilhadas pelas massas são divididas em duas classes. A primeira classe é formada pelas ideias classificadas enquanto *passageiras*, ideias que são criadas sob a influência do momento em questão, como a paixão por um determinado indivíduo ou doutrina. A segunda é a classe de ideias classificadas enquanto *fundamentais*, ideias solidamente estáveis, construídas pelo meio e pelo contexto histórico. As ideias passageiras seriam a aparência sob a qual as ideias fundamentais, a essência, se manifesta. Para a massa analisada por Le Bon, as ideias fundamentais estariam representadas pelos ideais democráticos e sociais lentamente construídos e arraigados no imaginário comum e as ideias passageiras seriam representadas pela paixão ao socialismo e aos autores dedicados à sua propagação. As ideias capazes de penetrar e movimentar uma massa são necessariamente construídas de maneira lenta e gradual, ainda que sua manifestação seja aparentemente rápida e espontânea, um longo caminho talhado por acontecimentos históricos, luta entre forças sociais e seus respectivos interesses foi percorrido para que a ideia sugerida possa ser aceita e compartilhada.

Para que obtenha força, a ideia deve ser apresentada sob aspectos simples, como simples também são os argumentos capazes de causar o convencimento desta. O raciocínio da massa, analisou Le Bon, de forma semelhante aos raciocínios complexos, se estabelece por meio de associações, entretanto associações que dispõem de nexos causais apenas aparentes, sobre as quais, aquele que esteja apto a manejá-las, obtém a capacidade de dominar a massa, como assertivamente observou o autor quando reitera que “é na imaginação popular que o poder dos conquistadores e a força do estado se fundam” (LE BON [1885], 2018, p.68). Um raciocínio rigoroso e pautado em argumentos comprováveis, porém incapazes de suscitar imagens que possam impressionar o imaginário da massa, torna-se incompreensível para esta, de modo que o empírico oferece pouco ou nenhum efeito para aquele que deseja obter algum sucesso em

dominá-la, pelo contrário, é capaz de oferecer questões mais complexas e difíceis de serem resolvidas, despertando seu descontentamento.

As convicções nas quais se baseiam a massa e as quais são capazes de se cristalizarem em seu *espírito* são revestidas pelo que Le Bon chama de formas religiosas, ou seja, se manifestam na mesma fisionomia de um sentimento religioso, se pautando na adoração de algo supostamente superior – podendo ser uma pessoa ou um ideal –, no temor do poder a ele atribuído, na submissão cega às suas ordens, na impossibilidade de discutir os dogmas proclamados, no desejo de difundi-los e na tendência a considerar inimigos todos aqueles que se recusam a admiti-los. Uma convicção cristalizada, como uma crença ou uma forte opinião que conduza o imaginário e, assim, o comportamento da massa, pode ser tecida de duas formas. A primeira se dá a partir dos *fatores longínquos*, como sendo aqueles fenômenos que preparam lentamente o terreno para a solidificação de tais convicções. Dentre esses fatores, estão o que Le Bon chama de “raça”, como sendo os fatores supostamente provenientes da hereditariedade de um povo, como se acreditava até então ser o caso do temperamento e da forma de racionalidade; a tradição, como já citado anteriormente, seriam fatores constitutivos da mentalidade das massas a aversão à mudança e o apego ao passado, ao que fora compartilhado enquanto tradição; o tempo, com sua ação lógica oferecendo a superfície sobre a qual as ideias e convicções serão germinadas; as instituições políticas e sociais, como um produto da sociedade que acompanha os costumes e sentimentos fertilizados com o tempo e sobre as quais o autor denota ser impossível de que alterem as ideias de um povo, visto que elas mesmas seriam moldadas de acordo com tais ideias; por fim, o fator da educação, já citada enquanto uma terapia para conter o poder das massas, exatamente por sua capacidade de atuação na formação do *tipo* de ser humano que irá compor a sociedade que se deseja.

Os fatores longínquos seriam reforçados pelos *fatores imediatos*, como sendo aqueles fatores que geram fácil e rápida assimilação e que, quando manejados, passam a produzir os efeitos desejados, influenciando as massas. Os primeiros fatores imediatos, os quais deve-se ater por sua inquestionável capacidade de gerar consentimento, são as imagens, as palavras e as fórmulas. Como já visto, o poder das palavras está ligado às imagens que evocam e independe do significado real de tais imagens. A força que adquire uma palavra evocando as imagens corretas, é superior à força da razão e gera impactos inauditos. As imagens evocadas a partir das palavras são variáveis de acordo com o período e o contexto em que se insere, o significado de uma palavra em dado contexto pode adquirir outro completamente oposto em um contexto diverso, como é o caso das palavras pátria e liberdade, que mantém compreensões variáveis

com o contexto e período em que se inserem. “A arte dos governantes consiste principalmente em manejar as palavras” (LE BON [1885], 2018, p.102), assim sendo, a construção do *logos* e a manipulação deste para determinado fim que se deseje, se caracteriza enquanto o primeiro poder nas mãos dos que desejem conduzir uma massa e estimular nela comportamento e ação. Uma maneira de manipulação de palavras que demonstra sua eficiência com facilidade, é vestir as coisas até então odiadas pela massa com palavras populares e aparentemente neutras. Basta isso bem realizado para que pareçam ideias perfeitamente aceitáveis e passem a povoar o imaginário popular como rotineiras. O segundo fator imediato está concentrado nas ilusões, em outras palavras, na competência para criar um ideal, uma crença, uma fé, sem as quais, quando implantadas, os *corações famintos de ideal* (LE BON [1885], 2018, p.104) se julgam incapazes de viver sem. Acerca destas, Le Bon examina que “os povos sempre sofrem influências das ilusões e aos criadores dessas ilusões se erguem templos e estátuas” (LE BON [1885], 2018, p.103). Aquele capaz de criar consentimento do ideal sugerido e iludir as massas, torna-se seu mestre, não podendo uma pessoa ser capaz de desiludi-las sem despertar sua ira. Dentre os fatores imediatos estão também a experiência, como um procedimento eficaz de terminar a sedimentação de uma verdade no espírito da massa – como foi o caso, para Le Bon, da experiência da Revolução Francesa – e, por último, o fator da razão, citada puramente pelo aspecto negativo de sua influência em uma massa, visto que não cria crença e ideias tidas como inquestionáveis, os verdadeiros motores de uma massa.

Até agora foram explanados os fatores essenciais da constituição da mentalidade das multidões, é necessário agora compreender como instrumentalizá-los e não existiu, até então, um só meio mais eficaz do que um líder apto a conduzir as massas.

Nos grupos humanos, o líder possui um papel considerável. Sua vontade é o núcleo em torno do qual se formam e se identificam opiniões. A massa é um rebanho que não poderia prescindir de um mestre. (LE BON [1885], 2018, p.111)

Os condutores de massa são caracterizados enquanto *homens* de ação e não de pensamento. Normalmente estes são previamente afetados pela convicção que proclamam, uma convicção forte e indissolúvel o suficiente para que, ainda que possa parecer a mais aos olhos daqueles os quais não sejam afetados por esta, enfraqueça qualquer argumento racional que a atravesse. São descritos enquanto homens enérgicos, ousados, corajosos ou até mesmo violentos, de uma autoridade despótica, opinião e vontade forte, que perseguem seus instintos,

vertem mentalidade em ação com facilidade e criam fé, seja ela religiosa, social ou política, em uma ideia ou em uma pessoa. Uma fé que seja capaz de impressionar a imaginação das massas, visto que “conhecer a arte de impressionar a imaginação das multidões, é conhecer a arte de governá-las” (LE BON [1885], 2018, p.70). Para impressioná-las, a forma com que se apresentam os fatos devem ser instrumentalizadas de modo a produzir uma imagem impactante, suscitando sentimentos dos mais excessivos. Criar uma fé é, portanto, criar os sentimentos que irão guiar a massa, seu caráter semelhante ao fanatismo religioso é crucial para que as ideias sugeridas sejam aceitas com felicidade pelos indivíduos que a compõem, ainda que tais ideais venham ferir seu mais fundamental direito ou retirar de si suas conquistas pessoais. Aqui pode-se ressaltar mais uma vez que, ainda que essa fé seja criada e excitada com toda a energia que um líder possa conter, se este mesmo não for estimulado permanentemente pela mesma fé, o consenso gerado é apenas momentâneo. A vontade deve ser persistente e seguir uma linha de conduta contínua para adquirir o potencial da solidez e durabilidade. O bom líder é, portanto, aquele capaz de ser o apóstolo de uma crença comum e, que, fundamentalmente, se demonstre ele mesmo um devoto dessa fé. É aquele que compreende as causas das angústias do povo e se apresenta como capaz de saná-las, é aquele que se apoia nessas angústias e governa visando afetá-las, nunca vai contra elas ou tenta desmistificá-las. Remonta, portanto, à ideia do pai primordial, capaz de despertar temor, soberania e competência para guiar o grupo. Em uma análise freudiana, estaria para massa como o ideal do Eu está para o Eu (FREUD, 2019, p.93), apresentando tudo aquilo que o Eu gostaria de ser e exercer, porém não o pode em condições comuns devido às coerções que o meio social impõe, só encontrando satisfação em seu ideal.

Para atingir o dado objetivo, Le Bon descreve três meios de ação do líder: a afirmação, a repetição e o contágio. Uma afirmação vigorosa, enérgica, não aparada por raciocínios complexos e provas, mas de aparência inabalável. Tal afirmação só pode se sedimentar enquanto verdade a partir da repetição. Por meio desta fundamental figura da retórica, aquilo que se afirma pode penetrar no inconsciente de modo que se esqueça até mesmo de onde provém, sendo naturalizada no cotidiano como um pensamento já postulado que guia mentalidades e comportamentos. Suficientemente repetida, a afirmação, assim como todas as ideias, sentimentos e crenças compartilhadas por uma massa, adquire o caráter contagioso, sobre o qual já foram rendidas explicações razoáveis para a compreensão de sua imprescindibilidade, porém ainda pode-se acrescentar que o contágio, para além de tudo que já foi visto acerca dele, gera um fenômeno suplementar comum das formações de massa, a imitação. É pertinente a compreensão da imitação, por se tratar de um comportamento quase

que espontâneo da massa, pelo qual os indivíduos passam a assemelhar-se entre si e com o líder, de forma a legitimar a fortalecer a influência das ideias que são apresentadas por este. Essa imitação recíproca é um efeito do contágio, que demonstra sua força única em disseminar não apenas ideias, sentimentos e crenças, como também disseminar mentalidades, comportamentos e, assim, verdades absolutas. A afirmação, a repetição e o contágio, por fim, são os passos pelos quais passam uma ideia capaz de influenciar multidões, uma ideia que, dessa forma, adquire um fascínio essencial para exercer dominação sobre as pessoas, fascínio esse que o autor chamou de *prestígio*. O prestígio é classificado na obra em dois tipos: o *adquirido*, como sendo aquele que vem com a fortuna ou o nome de família, e o prestígio pessoal, ao qual damos mais atenção por ser o mais capaz de cristalizar-se nas imaginações, aquele prestígio *conquistado* por meio da história particular do indivíduo, de sua capacidade individual de articular qualquer pequeno feito para alimentar a narrativa que visa dar força.

A compreensão do líder, dessa figura capaz de manejar ideias e sentimentos para atingir determinado fim e de impor um caminho subjetivo para a opinião pública de acordo com o que melhor favorecê-lo, demonstra sua emergência para Gustave Le Bon a medida em que parece ganhar cada vez mais força enquanto um regulador da política, a medida em que consegue se utilizar do poder esquecido por muito tempo de emoções e sentimentos enquanto grandes motivadores de tal política.

2.2 Neoliberalismo: a nova ausência de referências

O líder populista contemporâneo, assim como aquele descrito por Le Bon, emerge das mais profundas transformações nas mais diversas arenas da sociedade, nasce de um novo interregno, de uma nova ruptura no tempo histórico que marca as décadas finais do século XX. Podemos localizar os primeiros indícios que marcam tal passagem em determinadas transformações estimuladas pelo modo de produção capitalista, um exemplo evidente se concentra na emergência de tecnologias de comunicação e sua utilização para comunicação política, mais especificamente aquelas que tornam capaz um fenômeno até então inaudito: a comunicação entre um líder político e determinado público sem a necessidade de compartilharem o mesmo espaço por um período de tempo. O rádio foi o primeiro meio a possibilitar tal feito, seguido da televisão, que potencializa essa capacidade por transmitir não apenas suas palavras, mas sua imagem, bem como tudo que se possa manifestar por meio dela: vestuário, gestos, expressões. Uma experiência completa da *estética política* (CARNEVALI, 2012) que queira apresentar. Acerca do fenômeno em questão, iniciado com o rádio, o cinema

e a televisão e agravado mais a frente com os meios de comunicação sempre mais tecnológicos, observam os sociólogos alemães Ulrich e Elisabeth Beck:

Os meios de comunicação transmitem informações, verazes e não tão verazes. Narram histórias, a sua vez verazes e não tão verazes. Em qualquer caso veiculam mensagens, reclamações e promessas que estimulam poderosamente a fantasia das pessoas. (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2008, p.29, tradução nossa)

A comunicação de um líder – ou potencial líder – intermediada pelos meios tecnológicos marca uma mudança expressiva na relação política que se estabelece, não apenas pela ampliação do alcance do discurso para um número consideravelmente superior do que até então se fazia possível, mas pela capacidade, por se tratar de uma relação que depende de um meio artificial de reprodução de imagem e som, de manipulação técnica do que se apresenta, viabilizando a exposição de uma coisa ou situação pelo ângulo que se deseja mostrar, sem precisar necessariamente manter vínculo com a realidade em suas causas e circunstâncias factuais. Analisando tais efeitos dos meios de comunicação que surgem na primeira metade do século XX, o filósofo alemão Walter Benjamin desenvolve o conceito de *reprodutibilidade técnica*, para tratar da nova forma de produção e transmissão da arte, por conseguinte da vida, já permeada pela mentalidade da sociedade capitalista: uma reprodução acrítica, pautada primordialmente pela estética e pela massificação. De acordo com Benjamin, a técnica empregada nesse processo está intrinsecamente ligada ao fenômeno das massas e às figuras políticas que surgem a partir de então, dando ênfase ao regime fascista, que passa a introduzir e estimular uma *estetização da vida política*, em outras palavras, introduz a incorporação da subjetividade do público ao discurso, ou seja, a incorporação dos sentimentos e comportamentos que se percebe da massa para manipulá-los de acordo com o que seja necessário para que se faça aceito e legitimado o discurso, dessa forma, manipular a raiva e descontentamento direcionando-os para aquilo que se deseja exterminar, manipular as paixões para aquilo que se deseja construir ou cristalizar. Para além disso, permitir uma outra nova possibilidade: criar reconhecimento entre o público e aquilo que é exposto enquanto arte, enquanto entretenimento, enquanto visão de mundo, enquanto política, para que a massa se enxergue no projeto do que se deseja construir e reforce seu apoio, para que a massa tenha vontade de reproduzir de forma ainda mais acentuada aquilo que é exposto, seja a estética, a ideia ou os valores, portanto a ideologia. Podemos observar essa característica em toda a análise

de Benjamin acerca da reprodutibilidade técnica estimulada pela tecnologia na sociedade capitalista. A massa, assim como a arte, torna-se amorfa, esvaziada de um conteúdo próprio, podendo ser instrumentalizada de acordo com o que é manifestado por quem seja capaz de dotá-la de sentido.

É nesse último ponto que podemos passar a caracterizar a massa que se forma desse novo *interregno*. Esvaziada do sentido anterior o qual se referia Le Bon – aquele concentrado na massa de trabalhadores motivados pelo logos da liberdade, da igualdade, da solidariedade, da emancipação, da política –, ela assume a forma da ideologia preconizada pela nova força social em ascensão, o neoliberalismo. A força social em questão, que ganha notoriedade nas décadas finais do século XX, nasce essencialmente da descaracterização de todo o sentido social atribuído pela política, por essa política que visou buscar equidade na produção e na distribuição de rendas e oportunidades, a política que, em uma linha histórica, vinha gerando acordos entre capital e trabalhadores para viabilizar tal equidade, que fundamentou o Estado de bem-estar social e todos os direitos nele alicerçados. Nasce da avaliação desses direitos enquanto gastos mal empregados do Estado, gerando dívida pública com educação, previdência, saúde, mobilidade, pleno emprego e, assim, prejuízos a ponto de impedir que o capital continuasse a crescer. Da avaliação dos políticos profissionais enquanto corruptos e prevaricadores da ordem. Nasce, portanto, de uma profunda redefinição nos valores e na gramática moral estabelecidos até então. Uma ruptura iniciada no plano material, a partir do momento em que o capital adquire a capacidade objetiva de deslocar-se para qualquer cidade, país e continente que seja mais conveniente, retirando assim do Estado o controle que detinha sobre a economia e limitando o poder desse Estado em efetuar mediação entre os cidadãos e a economia, uma vez que a economia não está mais restrita ao espaço nacional e suas regras internas. A nova gramática estimulada nesse processo está assentada na virtude do mercado em detrimento da política; em uma liberdade essencialmente privada e particular no lugar de uma liberdade social; na figura do ser humano enquanto um empreendedor de si, responsável por seus méritos e fracassos, em substituição a figura do cidadão de direitos, sobre o qual o Estado deve manter plena responsabilidade. Uma gramática que surge, portanto, da negação da estrutura política e social anterior, assim como da negação de todas as instituições a esta estrutura relacionadas, como é o caso do Estado de bem-estar social, dos sindicatos e dos partidos políticos. Pode-se ressaltar aqui que os partidos políticos não perdem apenas sua credibilidade enquanto representante de determinado candidato a política. Essas gigantes forças do século XX atuaram muito para além da representação, eram considerados por sua função pedagógica e política de apresentar um

pensamento crítico e coerente para cada grupo dentro de sua realidade, demonstrando as contradições em que estava inserido e os caminhos possíveis para repará-las, assim como também detinham o papel de oferecer um grupo de valores no qual o cidadão possa criar identificação recíproca e engajar-se junto a ele na busca por seus direitos. Todos esses papéis e funções são destruídos concomitantemente ao Estado de bem-estar social, como analisa a socióloga norte-americana Wendy Brown observando os efeitos da movimentação antipolítica, que acompanhou a década de 70. O declínio da força do partido é analisado teoricamente de maneira brilhante por Brown em sua teoria acerca da *dedemocratização*, mas pode ser observado informalmente por quem se empenhe em observar os nomes dos partidos políticos atuais, é nítida a alteração: não são mais chamados de partido. O movimento de abandono da denominação *partido* iniciado por Silvio Berlusconi e posteriormente seguido por outros políticos, representa a chamada *crise da partitocracia* (ANTONELLI, 2017), mas representa também a transformação na linguagem a qual buscamos analisar. Deixar de nomear implica em deixar de falar, que implica em deixar de lembrar e esgota, assim, o significado existente na palavra.

A movimentação antipolítica não se constitui enquanto um fenômeno isolado. É a realização de um discurso de extensa raiz histórica. Um discurso que nasce no século XVIII com grandes nomes da filosofia e economia, como é o caso de Adam Smith, e que recebe diversas contribuições mediante as transformações e novas demandas da sociedade capitalista, permeando o desenvolvimento dessa sociedade com forte presença na contraposição a toda forma de manifestação comunista e socialista e fundamentando o pensamento de outros grandes políticos, filósofos e economistas como Friedrich August von Hayek, Milton Friedman, Karl Popper, Ludwig von Mises, dentre outros pensadores que protagonizaram a formação da chamada Mont Pelerin Society, em 1947, uma comissão voltada para a promoção dos valores e da mentalidade inerentes ao discurso em questão, aquele proclamado pelo liberalismo econômico e seus representantes, ou seja, o discurso anteriormente citado de base essencialmente antiestatal e antifiscal e configuram uma das barreiras que aos poucos enfraqueceram a Democracia Moderna.

O discurso ganha força ao final da década de 70 e não poupa esforços para solidificar-se. Toda a mentalidade característica deste novo liberalismo que parece se configurar é disseminada, ganhando mais adeptos à medida em que as maravilhas do “novo mundo”, esse o mundo aberto de liberdade irrestrita, alto consumo desempenho e rentabilidade, os impressionam, compondo a preparação no solo das ideias para então dispor de condições para

as transformações nas estruturas políticas, econômicas e culturais. O capitalismo em sua mentalidade neoliberal e global escabele-se por completo a partir de dois grandes acontecimentos históricos, a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o fim da União Soviética, em 1991. É nesse ponto que a nova ordem social encontra hegemonia e consolida plenamente a ideologia propagada durante todas as fases citadas anteriormente. A produção material da vida passa a ter a possibilidade objetiva de transformar-se radicalmente a medida em que a política perde o controle sobre a economia, podendo as empresas e grandes atores econômicos atuar de forma cada vez menos regulamentada, por meio de um capital móvel que aporta em países que ofereçam as circunstâncias mais lucrativas de funcionamento (taxas e juros baixos ou inexistentes, condições e espaços precários de trabalho, salários reduzidos a valores antes inimagináveis e possibilidade de utilizar todos os recursos do espaço, por exemplo), desse modo, as empresas podem estar em qualquer lugar. Nos lugares em que assim estiverem, a estrutura política deve aceitar, de acordo com a necessidade econômica do país, estado ou cidade, aquilo que a empresa tem para oferecer, portanto seus trabalhadores estarão sujeitos a novas formas de trabalho, como o trabalho flexível, part-time, muitas vezes precário e de remuneração não condizente com aquilo que é exercido. Já aos lugares deixados por essas empresas na busca por extração de mais valor o que sobra é o desemprego, o abandono, a insegurança que não é apenas emocional, mas é material, alimentar e de moradia, a violência e criminalidade que é estimulada a partir disso, dentre tantos outros problemas que emergem da possibilidade um capital globalizado, de um mundo globalizado que se fortalece irreversivelmente a partir da vitória hegemônica do sistema de produção capitalista.

A globalização, analisam Ulrich e Elisabeth Beck:

[...] entendida em termos econômicos, não apenas significa intercâmbio comercial e abertura dos mercados. Ocasiona também uma competência mais forte, um ritmo mais acelerado, uma maior pressão inovadora; e, como consequência do imperativo de adaptação global, um maior dismantelamento de direitos sociais e garantias de proteção. (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2008, p.59, tradução nossa)

Uma mudança radical na perspectiva de trabalho que em países industrializados, entre as décadas de 1950 e 1970, fora marcada pela ideia de estabilidade, de um trabalho que pudesse ser conquistado, devido a taxa de desemprego comparativamente baixa, e pudesse ser conservado por toda ou praticamente toda sua vida. A flexibilização e a desregulamentação do

mundo do trabalho rompem com essa realidade e inserem o indivíduo em uma nova dinâmica, na qual ele deve ser flexível não apenas em relação às funções que exerce, mas em relação ao tempo, em relação ao local e às condições de trabalho para que se tenha alguma oportunidade e, quando a dada oportunidade chegar ao fim, já que a instabilidade é uma certeza, o indivíduo possa encaixar-se em qualquer que seja a outra oportunidade que venha aparecer, visto que são escassas e devem ser aproveitadas para a garantia da subsistência. A nova realidade também demanda de todos uma adaptação permanente, como por meio de cursos para implementar o currículo, por meio de produtividade extra, por meio de adaptações ao período e tempo de serviço, seja qual for a adaptação ela deve estar presente nesse indivíduo *multitask* que emerge com a sociedade capitalista global para que ele tenha condições de se sobressair frente à concorrência e demonstrar o seu valor nas sucessivas competições, competições essas entre pessoas e entre pessoas e máquinas que ocupam sempre mais o espaço do trabalho vivo por meio dos constantes aprimoramentos da técnica.

Todas as citadas transformações materiais possibilitadas pelas revoluções técnico-científicas são acompanhadas por transformações ainda mais radicais no que toca os valores da sociedade. A mudança nos valores é a mais poderosa transformação, também poderia dizer-se *revolução*, possibilitada pelo capitalismo neoliberal. Os valores que serviam de referência para a mentalidade e o comportamento da sociedade, até então, se concentravam em direitos e deveres que um cidadão mantém em sua pátria. Direitos adquiridos a partir de manifestações, guerras, conflitos derivados da contradição inerente às classes sociais e deveres severamente regulados, em todos as instituições as quais o cidadão poderia estar inserido na sociedade, como a escola, o espaço da fábrica, dos trabalhos em sua maioria, da igreja, dos sindicatos, os partidos. Todas as faces da sociedade eram moldadas pela face dos deveres que o cidadão deveria manter e da disciplina necessária para tal. A disciplina está relacionada aos deveres, mas não só a eles. Está relacionada também à forma de produtividade da sociedade capitalista industrial e é necessária para a sua manutenção, como analisa o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han “O avanço da industrialização torna necessário disciplinar o corpo e adaptá-lo a produção mecânica. Em vez de torturar o corpo, o poder disciplinar o insere em um sistema de normas.” (HAN, 2018, p.34). O poder disciplinar próprio de tal sistema de produção está concentrado nessas normas, regras que prescrevem o que é uma obrigação e o que deve ser proibido, apelando conjuntamente para outros valores comuns à sociedade industrial nacional à fim de neutralizar qualquer anomalia capaz de surgir se contraponto à ordem, como impulsos ao prazer imediato e às liberdades individuais, sempre visando uma massa de mentalidade, identidade e

cosmovisão uniformizadas. Biopolítica é o conceito desenvolvido por Michel Foucault para tratar dessa sociedade baseada na disciplina enquanto um sistema de métodos “que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1999 p.118)

Apesar de muito útil para a sociedade capitalista industrial, a disciplina não tem efeito no novo período histórico. Em verdade, esse novo período nasce da negação dessa grande técnica de poder própria da sociedade industrial nacional. Os valores que o inauguram estão assentados em uma nova realidade e fomentam uma nova mentalidade. A liberdade individual, substancialmente privada e particular, passa a ocupar o lugar da liberdade social e coletiva, abrindo espaço para que novas formas de vida, relacionamento e identidade possam surgir e se desenvolver em ritmo sempre mais acelerado. A diversidade de gostos, mentalidades e identidades não é apenas desejada, ela é estimulada, visto que arquétipos diversos possibilitam produtos diversos, gerando, portanto, mais valor. O impulso ao prazer irrestrito e imediato, em suas variadas formas, incluindo a sexual, também é incentivado. Este inclusive, se configura enquanto um dos fomentadores neoliberalismo em ascensão, à medida em que a pornografia e o mercado do sexo em geral são naturalizados e identificados enquanto um dos símbolos de liberdade no mundo capitalista em meados de 1970. O fácil acesso e ausência de impeditivos físicos ou morais para aquilo que se deseja ser, ter ou fazer são marcas desse novo mundo que se abre, no qual disciplina, restrição e limitação não são palavras que permeiam o *logos*. De que forma, portanto, se manifestaria o poder, visto que a até o momento teria se manifestado por meio da disciplina e da negação da liberdade? Qual seria sua expressão, em que instituição estaria concentrado e como se faria valer?

De fato, a negação da liberdade é a manifestação mais direta e evidente de um poder. A proibição, a censura, a violência, a repressão, a limitação explícita oferece ao detentor do poder uma determinada legitimidade de sua imposição e garante, até certo ponto, obediência do grande público. Entretanto, a mesma explicitude é uma demonstração de sua fragilidade, como analisado por Han, “O poder está precisamente onde não é posto em evidência. Quanto maior é o poder, *mais silenciosamente* atua. Ele *se dá* sem ter que apontar ruidosamente para si mesmo.” (HAN, 2018, p.25). O novo poder, denominado por Han de *poder inteligente*, não nega a liberdade, mas se utiliza dela, assumindo o que chama de uma “forma *permissiva*”, se afastando da negatividade antes atribuída ao poder, visto que no neoliberalismo todo o *logos* e o imaginário coletivo ideal são construídos com base na positividade, reforçando sua imagem positiva por meio da própria palavra liberdade, dentre outras como flexibilidade, cooperação,

otimismo/otimização, inteligência emocional, resiliência. Não existe carga negativa no poder neoliberal, sua inteligência está na capacidade de camuflar-se de modo que passe imperceptível, que todas as dores que venha a gerar sejam facilmente atribuídas a qualquer outro motivo, já que não deixa rastros. Mas, para além disso, está na capacidade de, por conta estar oculto o suficiente para passar despercebido e de instrumentalizar palavras e sentimentos a seu favor, criar uma sujeição aparentemente voluntária, na qual não se sente o constrangimento e a pressão para produtividade e alta performance como parte de uma estrutura de dominação, mas como um objetivo natural a ser realizado no qual se concentra todo o parâmetro pelo qual é avaliado, por toda a sociedade e por si mesmo, a obtenção ou não obtenção de sucesso. Em ambas as alternativas o ímpeto social passa igualmente despercebido, sendo relegado ao indivíduo o mérito pelo sucesso e, igualmente, o demérito pelo fracasso, de maneira a desconsiderar completamente os imperativos da força dominante. A sujeição não aparenta ser apenas voluntária, ela também é estimulada pelos próprios indivíduos, por meio da glamourização do trabalho excessivo com termos como “*workaholic*” ou com a naturalização do indivíduo que concentra todas suas forças no trabalho como o indivíduo de sucesso.

Max Weber analisou que um dos fatores na gênese do sistema capitalista seria a ênfase dada pela ética protestante de que, por meio de uma atitude racional, aquele que se esforçasse na virtude de trabalhar arduamente (*Beruf*), que fosse capaz de manter uma conduta de vida ativa, produtiva, não hedonista, mas laborativa, portanto *acumulativa*, alcançaria a graça celestial e seu espaço no reino de Deus. Uma ética religiosa e seria pouco provável que não a fosse, visto que a religião nesse contexto se encontrava na posição de força soberana. Mas também econômica, no sentido que constrói a imagem do indivíduo ideal para a sociedade capitalista em suas primeiras fases, o indivíduo preparado para a disciplina, e a romantiza como o indivíduo modelo dessa sociedade, como destacado pelo filósofo e economista britânico Adam Smith “Todo homem pródigo será sempre um inimigo da sociedade e o homem sóbrio um benfeitor” (SMITH, 1776), um benfeitor merecedor das conquistas terrenas e dotado dos dons de Deus, aquele que conquista a *graça*. A sociedade capitalista contemporânea é moldada sob uma nova narrativa. Não interessa mais a ideia do indivíduo que poupa, que se autocontrola e se contém. O indivíduo modelo dessa nova sociedade é aquele que ainda trabalha incansavelmente, mas que consome proporcionalmente ao tanto que trabalha ou até mais, aquele que dispõe de muitos bens de consumo, que proclama seu histórico de trabalho enquanto uma história de superação despendida de sua livre escolha em esforçar-se e seus gastos enquanto a recompensa merecida, enquanto a demonstração desse mérito. Sua *graça* a ser

alcançada é o *sucesso*. Sua liberdade é seu poder de compra. Pode-se aqui demarcar uma característica intrínseca a *crise da liberdade*, um fenômeno que consiste em

“[...] estar diante de uma técnica de poder que não rejeita ou reprime a liberdade, mas a explora. A *livre* escolha é extinta em prol de uma livre seleção de ofertas disponíveis” (HAN, 2018, p.27)

Em um momento histórico único, no qual o ser humano adquire a possibilidade de manter uma vida desprovida de vínculos e contar com uma autodeterminação de teor até então desconhecido, poderíamos nos aliviar diante do sentimento de liberdade que passa a ser “a regra” desse funcionamento social, mas, ao contrário, esse sentimento acaba por se configurar como “uma forma mais eficiente de subjetivação e sujeição”. A nova sujeição aparece como uma das marcas do controle neoliberal sobre todas as esferas da vida contemporânea e os impactos desse controle marcam um momento de ruptura da Democracia Moderna, fazendo ascender uma nova fase da Modernidade, caracterizada pelo espaço global e pelo neoliberalismo. A submissão à dominação, dessa forma, não é mais árdua, violenta, desconfortável. É imperceptível, acontece “enquanto consumimos e comunicamos, ou melhor, enquanto clicamos *curtir*” (HAN, 2018, p.27). A partir desse dado, Han descreve o neoliberalismo como o *capitalismo de curtir*, um nome apropriado para o sistema que preconiza a busca pelo máximo prazer em todas as ações desempenhadas e que se utiliza das redes sociais (Twitter, Facebook, Snapchat, Instagram) para estimular o consumo, disseminar o padrão de vida ideal –aquele pautado pelo próprio consumo e ostentação enquanto objetivo de vida– a ser seguido por meio de postagens dos próprios usuários e coletar dados através de funções como publicar, comentar, curtir e até mesmo o tempo gasto por cada usuário em determinada página. A coleta de dados por meio das redes sociais é uma outra característica da inteligência incomparável do poder capitalista neoliberal, sobre a qual é possível traçar um paralelo com o Estado de Vigilância elaborado por George Orwell na descrição do regime de controle de sua distopia, *1984*. A primeira característica a ser compreendida desse Estado de Vigilância é a implementação de uma nova linguagem, ou *Novafala* nos termos de Orwell, uma linguagem ideal que suprimia determinadas palavras, ao passo que criava outras com base em mentiras acerca da realidade e transformava o significado de algumas já existentes, a fim de criar um imaginário ideal que pensava apenas pela perspectiva que foi pensada para projetar, direcionar as consciências a partir de tal perspectiva, estreitar qualquer consciência construída fora desse imaginário e impossibilitar, dessa forma, revoltas contra o sistema, no presente e no futuro.

“Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado”, rezava o lema do Partido. E com tudo isso o passado, mesmo com sua natureza alterável, jamais fora alterado. Tudo o que fosse verdade agora fora verdade desde sempre, a vida toda. Muito simples. O indivíduo só precisava obter uma série interminável de vitórias sobre a própria memória. “Controle da realidade”, era a designação adotada. Em Novafala: “duplipensamento”. (OWRELL, 2019, p.41)

O *duplimensamento orwelliano* é uma expressão que descreve a possibilidade de uma aceitação, por parte das pessoas, de ideias contraditórias, desde que essas ideias atendam à manutenção do poder. Em termos práticos, seria quando a pessoa dispõe de uma certa consciência da realidade, mas acata o que o líder proclama enquanto realidade como verdade e não a questiona, aceitando assim as contradições, as ignore e muitas vezes nem a enxergue.

A segunda característica está concentrada na implantação de teletelas em todas as casas, que deveriam reproduzir constantemente a ideologia preconizada por esse Estado, gravar e monitorar as falas e ações das pessoas, a fim de coletar dados acerca do comportamento e pensamento que as pessoas manifestam e controlar o que é dito e como agem. Como terceira pode-se destacar as câmaras de tortura destinadas àqueles que ainda assim insistissem em demonstrar revolta, discordância ou insatisfação frente ao Estado estabelecido.

A obra de Orwell é uma representação distópica de regimes totalitaristas e de como exercem domínio sobre as pessoas, sempre de uma forma mais perceptível, por meio de violência e imposições explícitas, de vigilância e controle assustadores, já evidenciado na obra pela marca registrada do regime opressor: “O Grande Irmão está observando você”. A ausência de câmaras de tortura no mundo do *poder inteligente* corrobora para a ideia disseminada de uma sociedade de indivíduos livres, que agem por si mesmos sem interferência de condicionamento externo. Não é mais necessário se utilizar de métodos de controle biológicos porque o neoliberalismo se vale de um controle mais profundo e eficiente, o controle psíquico, o qual Han, atualizando a compreensão do que Foucault não teve tempo de observar, denomina de *psicopolítica*. Na psicopolítica, a tortura simplesmente não faz sentido, já que I) não se enxerga a estrutura de poder, portanto não se sabe exatamente contra quem lutar; II) a fonte de exploração é naturalizada e romantizada a ponto de que ela própria preenche o sentido da vida com metas como crescimento, produtividade, consumo, ostentação de bens e experiências, de forma que não haja pensamento contra a corrente suficiente para questioná-la; III) a quem, ainda assim, questioná-la, resta a incompreensão, conseqüentemente a exclusão e até mesmo o desemprego, dado que manter alguma fonte de renda e oportunidade nessa sociedade implica

em encaixar-se à lógica e mostrar-se útil a ela.

As duas primeiras características do Estado de Vigilância *orwelliano* ainda oferecem determinado caminho para a compreensão do novo poder, porém se atualizados os moldes. A *Novafala*, como uma das mais perspicazes e eficientes formas de domínio, com sua capacidade soberana em esvaziar de sentido histórico determinados termos, modificando juntamente o senso dos acontecimentos, das forças sociais e da compreensão da realidade empírica como um todo, se mantém presente em todas as formas de poder que se esforçarem em sua perduração, não poderia ser diferente no poder neoliberal. As teletelas também são de grande utilidade, visto que monitoram as pessoas, revelando suas ações, suas preferências em geral, a manifestação de ideias, um panorama comportamental completo que, se bem utilizado, oferece bases para um extenso potencial de manipulação. Como tudo no poder inteligente, esse potencial em ambas as características é otimizado, enquadrado no molde positivo e disseminado organicamente entre os próprios indivíduos. A *Novafala* não é mais imposta. As novas palavras que substituem as antigas se revestem, como bem analisado por Han, de uma imagem *revolucionária*, a liberdade nova, a realização nova, a experiência nova, a diversão nova, nada mais é como antes e as palavras tão facilmente difundidas demonstram esse fenômeno e agradam àqueles que são seduzidos pela singularidade de cada *novo algo* e pela ausência de fatores limitantes ou negativos nas palavras e nas imagens que suscitam. O monitoramento tampouco é imposto, nem ao menos é necessário que se implante câmeras ou telas para extrair dados relativos a gostos, preferências, desejos, anseios, comportamentos. Esses dados são fornecidos por meio das redes sociais, alimentadas diária e ininterruptamente com informações como localização das pessoas, o que elas vestindo, pensando, aprovando e desaprovando, qual o status de relacionamento. Um bombardeamento de dados que, como a maioria dos fenômenos no neoliberalismo, toma proporção nunca antes vista, porque ganha força com a internet, porque é global e porque não conta com restrições de nenhuma natureza e alcançou todo esse tamanho sem que nada ditasse abertamente que assim deveria ser. Trata-se de uma teletela de uso voluntário, capaz de coletar dados e reproduzir a ideologia dominante sem que se faça percebida.

A instrumentalização da liberdade é uma das singularidades da *sociedade aberta* inaugurada com o advento da globalização, cujo os impactos perpassam as mais diversas esferas da organização social. Pode-se, para efeito dessa pesquisa, destacar dos impactos que, assim como o próprio fenômeno, tem também extensões inauditas: o medo e insegurança generalizados. A liberdade irrestrita, individual, privada e particular, por si só é acompanhada de diversas contradições. Tendo por certo que em uma sociedade com pessoas distintas e

diversas, recursos escassos e oportunidades igualmente escassas, de que forma tal liberdade pode ser viabilizada sem que haja prejuízos àquele ou àquilo que se coloque em seu caminho? Como proceder quando a liberdade do outro atravessa a minha? A quem recorrer? Como administrar uma realidade em que teoricamente se tem liberdade para fazer tudo, mas na prática as oportunidades e os recursos são escassos?

Essas dentre outras diversas questões acerca do impacto da mentalidade neoliberal no pensamento e comportamento humano, em suas contradições tão atenuadas pelo frenesi que carrega, tem sido estudado por diversos sociólogos. Os medos e insegurança são sempre mais constantes, configurando não apenas uma emoção comum a todos os indivíduos da sociedade contemporânea, mas também um mote utilizado para dotar de sentido e relevância o discurso das configurações de governo que tentam se inserir e permanecer na política, frente ao esvaziamento dela própria. A astúcia dos atores da política populista contemporânea está em movimentar massas e produzir algum reconhecimento nos tempos da antipolítica. Está em reagir, e esta é uma de suas marcas evidentes, às profundas transformações da sociedade global neoliberal responsável por todo esse medo e insegurança.

O populismo contemporâneo, em sua analisada singularidade histórica, nasce carregado de uma retórica no sentido oposto da Democracia Moderna e seu Estado Social vigente até então, aliada e anunciadora da política de extrema direita, entretanto se promovendo enquanto capazes de solucionar as complexas novas questões da sociedade capitalista e dos processos de globalização. O sociólogo italiano Alfio Mastropaolo destaca como pontos importantes desses partidos de extrema direita que surgem: I) os novos agentes políticos que manifestam valores reativos à política estabelecida até então e alcançam altas taxas de votos; II) a palavra *audience* para caracterizar seus eleitores, uma alteração que demonstra o esfacelamento da esfera política, que modifica o sentido dos votantes, de eleitor que exerce seu direito de escolha de quem irá representá-lo, para espectador, massa de pessoas que assistem à um “espetáculo”, sendo passíveis a concordar com determinado ator ou ideia mediante sua capacidade de impressionar; III) um discurso baseado na antipolítica, por meio caracterização do Estado Social como ineficiente e improdutivo, bem como a negação da democracia representativa e das instituições políticas próprias à modernidade, como partidos e sindicatos. Essa “Nova Direita Radical”, manifestada por atores políticos populistas, combina em si uma visão “naturalista” da sociedade, formada por indivíduos inerentemente desiguais, na qual o *mérito* de determinados cidadãos em detrimento de outros, mensurado diariamente por meio de competições dispostas em todas as esferas da vida, serve como critério de acesso aos benefícios públicos, recursos e

oportunidades em geral, com a legitimação do racismo e da xenofobia na argumentação e um discurso político violento, ameaçador, agressivo.

Para Mastropaolo, “o populismo não é um programa político, nem uma concepção de mundo e, portanto, uma ideologia, do que se combina com concepções e programas dos mais variados” (MASTROPAOLO, 2005, p.51). Trata-se de “um estilo que, entre infinitas variações, se baseia na retórica tecida em torno do povo” (MASTROPAOLO, 2005, p.51) e visa reconduzi-lo ao poder, sendo o povo definido como uma unidade composta por pessoas comuns e virtuosas, dotadas de inata sabedoria e moralidade, de pessoas trabalhadoras, que não compartilham da corrupção da política e da arrogância de intelectuais.

De fato, o sucesso de tais atores políticos em eleições não seria possível sem o apoio desse povo, das pessoas comuns de camadas sociais mais afetadas pelas mudanças na sociedade e mais desfavorecidas em questão do esfacelamento de políticas públicas e direitos sociais, ou seja, mais desfavorecidas pela agenda política dos próprios candidatos que votam. Duas equações essencialmente interligadas são fundamentais na compreensão desse fenômeno: as necessidades emocionais, analisadas pela socióloga norte americana Arlie Russell Hochschild, fomentadas por um tempo de desorientações, e a capacidade do líder em articular tais emoções e construir uma narrativa que as contemple.

3. A ANÁLISE COMPARATIVA: NEXOS CAUSAIS ENTRE A FIGURA DO LÍDER DE LE BON E A FIGURA DO LÍDER POPULISTA CONTEMPORÂNEO

A figura central no presente trabalho sem dúvidas é a do líder. Essa emblemática figura que descreve Le Bon enquanto uma terapia fundamental para organizar uma sociedade em tempos de crise e efervescência social é também o centro da construção estética política do populismo contemporâneo e se manifesta em diversos países do mundo de forma acentuada após concomitantemente à vitória hegemônica do neoliberalismo e o novo *interregno* trabalhado no tópico anterior.

Iremos analisar a figura do líder na manifestação de Matteo Salvini, um político populista natural da Itália, país considerado *o laboratório do populismo* (TARCHI, 2015) devido ao acúmulo de vitórias de atores de tal estilo político em eleições nas últimas décadas, desde Silvio Berlusconi (primeiro-ministro do país entre os anos de 1994 e 1995, 2001 e 2006, 2008 e 2011) e entre 2018 e 2019, com a coalizão entre a Lega e o Movimento 5 Stelle, liderados

respectivamente por Salvini e Luigi di Maio. Salvini ocupa o cargo de senador da república italiana desde 2018, mas é desde 1990, com seus 17 anos, que se dedica à carreira política. Inicia sua jornada ingressando na *Lega Nord*, um partido político regionalista fundado por Umberto Bossi conhecido por sua retórica anti-corrupção, anti-imigração, anti-Islão e por seu posicionamento conservador frente à determinadas pautas, tais como o casamento homoafetivo e aborto, apesar de seguir uma linha liberal quando se trata da esfera econômica, sendo marcadamente contrário aos imperativos do Estado. Após três anos é eleito vereador de Milão e logo em seguida assume a administração municipal do *Movimento dei Giovani Padani*, ou *Lega Giovani*, movimento juvenil do partido *Lega Nord*. Desde então tem sua trajetória de ascensão política, se tornando secretário provincial da Lega Nord em Milão e diretor da estação de rádio do partido, denominada *Radio Padania Libera*. Posteriormente torna-se membro do Parlamento Europeu com cerca de 14 mil votos e passa a transitar de cargos conforme vence eleições, protagonizando o cenário político e expressando-se enquanto porta-voz da vontade e necessidade do povo.

A figura de Salvini é simbólica do triunfo da mentalidade populista não apenas pelas vitórias que alçou, mas pelo contexto em que foi capaz de realizá-las. O político foi uma aposta da *Lega* em um período no qual o partido se via a beira da falência, com inúmeros escândalos, dentre eles escândalos de abusos de poder, compra de diamante no continente africano e possíveis corrupções, resultando em uma média de menos de 4% de apoio eleitoral e uma péssima imagem perante à mídia e os eleitores. Uma aposta certa, pode-se constatar, visto que Salvini consagrou o partido, até então sem expectativas, no poder por grande período, ocupando os cargos de Eurodeputado, Vice Primeiro- Ministro da Itália e Ministro do Interior, movimentando milhões de seguidores em redes sociais e atos presenciais e chegando a alcançar a estimativa de 34% dos votos nas eleições europeias de 2019, oferecendo à Lega a marca de um dos partidos mais votados da Europa. Uma virada até então inacreditável.

Em todo o percurso de Salvini é possível observar a clara intencionalidade de alcançar, para além de postos políticos, a capacidade de verter os valores que preconiza em um discurso único e hegemônico na Itália. Desde seu ingresso na *Lega Nord* o partido passa por diversas transformações para corroborar com essa tendência, a partir de atos tais como a alteração do próprio nome, concebido para demarcar sua tendência regionalista e dar voz ao Norte de Itália, para apenas *Lega* a fim de alcançar o apoio e o consenso nacional. Como também com sua candidatura pelo partido com o slogan “*Salvini Premier, la rivoluzione del buonsenso*”, um slogan que evidencia três pontos de fundamental compreensão: o primeiro é a importância de

seu nome enquanto a figura principal de campanha, deixando o nome Lega enquanto pano de fundo, a fim de conquistar a simpatia daqueles que historicamente não apoiam o partido. A centralidade do indivíduo em substituição à centralidade do partido configura, por sinal, um movimento comum em um período de despolitização de massas e do prestígio dado a imagem do indivíduo forte e sua *storytelling*. O segundo ponto é a palavra revolução, salientando um desejo de mudança frente aos conflitos próprios ao período histórico. O terceiro ponto é a aclamação por seu nome estar seguida de uma afirmação de seus valores enquanto “o bom senso”, caracterizando todos aqueles que divergirem enquanto insensatos, imprudentes, inimigos daqueles que desejam o bem-estar geral. Como analisado, Gustave Le Bon compreendeu a emergência das massas como um fenômeno reativo à destruição das crenças religiosas, políticas e sociais e ao surgimento do novo, em valores, cosmovisão e condições de existência. Em função disso propôs a figura do líder de massas como uma terapia na recondução à ordem, o único capacitado para guiar as massas e fazer brotar em seu espírito a obediência. O populismo contemporâneo se configura, da mesma forma, enquanto um fenômeno reativo a todas as transformações ocorridas na estrutura social com a globalização e o neoliberalismo. À também destruição de crenças políticas e sociais sedimentadas com a Democracia Moderna, às também novas formas de existir, ser e pensar que surgem nesse processo.

Partindo da compreensão de que “Tudo aquilo que é social aparece sensivelmente, portanto, esteticamente.” (CARNEVALI, 2012, p.115), interessa para este trabalho compreender a estética social manifestada por Salvini em suas publicações diárias nas mídias digitais. A questão do espaço de comunicação política analisado se concentra no espaço das mídias digitais desde já coloca um primeiro ponto a ser analisado: a retração da distância entre o líder político e seus interlocutores. O líder, antes tão afastado, só possível de ser acessado por meio de reuniões e atos públicos, entrevistas em jornais, rádio ou televisão, agora mantém comunicação direta com o seu público, expõe diariamente fotos em momentos comuns os quais o público nunca imaginaria compartilhar, fotos demonstrando seu amor por sua família, pela pátria, pelos animais, o estilo de roupa que utiliza e as músicas que escuta, questões que, embora sejam de ordem pessoal, estão submetidas ao crivo da *bomba de informações* (VIRILIO, 2012,p.12) das redes sociais e aproximam as partes envolvidas na publicação e consumo. Em uma brilhante análise acerca da intermediação das mídias digitais, Han analisa que “A falta de distância leva a que o privado e o público se misturem.” (HAN, 2018, p.2), dessa forma, se faz difícil ou até mesmo impossível não relacionar a vida privada a tudo que se deseja manifestar publicamente. As redes sociais juntamente ao fenômeno da crise de representação estimulam a

exposição de aspectos pessoais da vida comum para criar identificação e inspiração na sociedade carente de vínculos. A *bomba de informações* também “Desempenha um papel de destaque no estabelecimento do medo como ambiente global, pois permite a sincronização da emoção em escala global.” (VIRILIO, 2012, p.30), dessa forma, como se expõe os aspectos positivos de sua vida, expõe tudo aquilo que o desagrada e considera reprovável, por meio de frases de efeito e imagens de alto teor emotivo exibindo os problemas da sociedade como a miséria, os efeitos do desemprego, os conflitos sociais que geram insegurança. Todas manifestações estéticas e políticas essencialmente eficazes em despertar emoções, tanto boas como ruins.

No parágrafo anterior concentram-se algumas das principais questões a serem analisadas na figura do líder populista contemporâneo que a conecta a Le Bon: 1) a reação às transformações sociais; 2) a manipulação emotiva contida em seus slogans e retórica; 3) a utilização da retórica e imagens suscitadas para acentuar e reforçar a manipulação emotiva e preencher de sentido o *logos* de que se utiliza; 4) o apelo ao tido como tradicional como uma tentativa de retorno a um passado confortável.

O novo período histórico, marcado pelo cosmopolitismo, pela globalização, por uma ascensão sem precedentes do sistema de produção capitalista e, com ele, de suas perenes contradições, caracterizam perfeitamente o *interregno* gramsciano do qual nos referimos anteriormente, ou seja, a inauguração de um tempo em que percebe-se a ausência do antigo, em seus valores e orientações comuns, sem que se tenha ao certo o que será do novo, quais são as suas faces e por onde há de se orientar a partir dele. É este o solo ideal para que um líder das massas surja enquanto a luz necessária para conduzir o povo do caos a ordem, do medo e insegurança ao aconchego e proteção. A insegurança e o medo, aos quais também nos referimos anteriormente, são a própria matéria prima da qual há de se utilizar para a construção de uma retórica política emotiva eficiente em produzir consenso e aprovação e pode ser facilmente observada em diversas falas de Salvini, como em sua resposta cedida à Deutsche Welle quando, dias antes das eleições regionais na Sardenha, é interrogado acerca de suas intenções políticas, declarando “Sou o ministro do Interior, não tenho intenção de me tornar premiê. Eu me ocupo da segurança interna, da máfia, tráfico humano, drogas, terroristas. Para mim é uma honra fazer esse trabalho, vou mantê-lo ainda por muito tempo.” (DEUTSCHE WELLE, 2019). A afirmação evidencia a sagaz utilização de algumas das questões atualmente mais expressivas da insegurança geral para gerar estímulos emotivos, estes últimos já analisados por Le Bon como uma imprescindível expertise daquele que deseja tornar-se um líder condutor de massas.

As questões suscitadas podem ser de qualquer ordem, desde que sejam eficientes em gerar emoções ou, nas palavras de Le Bon, impressionar a imaginação das massas, não é necessário que nem ao menos mantenham um compromisso com a realidade. As inseguranças e medos são eficientes porque cumprem esse papel e não é necessário muito esforço para despertá-los, já que “Uma vez investido sobre o mundo humano, o medo adquire um ímpeto e uma lógica de desenvolvimento próprios e precisa de poucos cuidados e praticamente nenhum investimento adicional para crescer e se espalhar” (BAUMAN, 2007, p.15), em outras palavras, uma emoção que adquire sem esforço a qualidade de contagiosa. Dessa forma, o perigo e o senso de desordem são estimulados e operados enquanto armas políticas de imensurável poder.

Os estímulos emotivos não atuam enquanto simples características de uma efetiva manipulação das massas, tampouco estão representadas apenas pelo medo e insegurança, apesar de seu papel fundamental. A emoção é a essência do declínio do poder e de sua ascensão. É a essência que move as massas. Ao início vimos nos escritos de Rousseau e posteriormente de Le Bon que a emoção é o que conduz, o que impulsiona uma ação sem precisar de uma razão racional como base e que o bom líder é aquele capaz de despertá-las, de movimentá-las e direcioná-las. Apesar de terem sido negadas durante séculos enquanto categoria científica na tentativa de afastar a ciência de qualquer tendência à subjetividade, a sociologia, bem como a filosofia e a psicologia têm se interessado atualmente em compreender as manifestações das emoções e “[...] mostrar que elas são formadas pelas relações sociais, que elas não circulam livremente e sem restrições, que sua magia é uma magia social, e que elas contêm e condensam as instituições da modernidade.” (ILLOUZ, 2015, p.241, tradução nossa), mas também em demonstrar sua força ativa, como apontado pela historiadora alemã Ute Frevert “Emoções não apenas são produzidas pela história, elas também produzem a história.” (FREVERT, 2009, p.202, tradução nossa). Assim sendo, as emoções não estão dissociadas de grandes fenômenos históricos, como derrubadas e despertares de dinastias e grandes poderes ou movimentações políticas e sociais. Elas são parte substancial de tais fenômenos, estão na base, muitas vezes são o que os guiam acima ainda da razão. Compreendê-la enquanto fatos sociais de relevância impreterível na análise de uma sociedade é um passo rumo a uma compreensão mais profunda desta.

Como bem compreendido até aqui, as emoções são necessárias de serem concebidas em sua relevância histórica e social e são múltiplas, de diversos tipos e formas de se apresentar. Cada emoção, se bem instrumentalizada, tendo por certo sua força motora e sua capacidade contagiosa quando despertada na massa, é capaz de gerar transformações as quais a razão pura

encontraria grandes impasses para realizar. Le Bon analisou o forte efeito de sentimentos tais como os de glória, honra, religião e patriotismo nos indivíduos em massa. Para podermos entendê-las em sua força atual, é necessário diferenciar conceitualmente os termos sentimento e emoção. O sentimento aqui é analisado enquanto algo *constatativo* (HAN, 2018, p.60), passível de uma narrativa, dispõe de determinada profundidade e permite que exista duração, representando um *estado*. A emoção, pelo contrário, é *dinâmica, situacional e performativa* (HAN, 2018, p.60), está relacionada às ações e às intenções ligadas a elas, tem temporalidade limitada e existem mediante excitação de estímulos. Por esta razão não falamos de sentimento quanto pensamos na sociedade do capitalismo contemporâneo. O sentimento exige tempo e substancialidade os quais este período histórico não pode oferecer e nem é interessante para a ordem social vigente que se ofereça tais condições. São as emoções o foco desse novo capitalismo pois, assim como ele, têm um tempo de existência dinâmico e efêmero, o que permite que sejam explorados milhões de estímulos, com naturezas e finalidades diferentes, seguindo o tempo que se espera da produção e do consumo em todas as áreas da vida humana. São as emoções a maior profundidade sensível explorada em toda experiência social.

O que restou dos sentimentos de glória, honra, religião e patriotismo, é a ideia que se tem de tais sentimentos enquanto um retorno áquilo que soava enquanto confortável, visto que o indivíduo já não conhece a experiência de seu sentido e significado histórico e nem vive em um período que lhe proporciona conexões sociais o suficiente para tal. Certamente o apelo ao tradicional ainda é uma das marcas do líder populista contemporâneo, como é possível de se notar na mesma matéria realizada pela Deutsche Welle sobre Salvini, em que é citada uma fala de seu discurso na qual afirma com força e convicção inquestionáveis: “Temos uma bandeira, há uma língua, uma identidade, uma história, uma tradição, uma cultura que precisamos viver. Uma árvore que não tem raízes morre.” (DEUTSCHE WELLE, 2019). Esse tido enquanto tradicional é fundamental pois remonta sentimentos simples capazes de oferecer algum sentido a todos os indivíduos de uma pátria, principalmente no que toca àqueles ressentidos com as profundas transformações. Mas seria de completo anacronismo que se identificasse e manejasse da mesma forma tal conceito nos dias de hoje e é nesse ponto que as redes sociais constituem novamente a conexão entre o líder condutor de massas e o líder populista contemporâneo.

Explorar o *simples* em sua dimensão cognitiva e sensível é uma expertise das forças sociais identificada na obra *Psicologia das Massas* que faz ainda mais sentido em um contexto que deprecia e desvaloriza qualquer manifestação profunda, por seu grau elevado de complexidade na compreensão, exigindo tempo e esforço. Le Bon já havia analisado que nos

indivíduos em massa o raciocínio complexo não surte efeito, que demonstrar os raciocínios de formas simples as quais fossem capazes de assimilar enquanto imagens era o caminho para conquistar a imaginação de uma massa. As redes sociais cortam o caminho rumo a essa imagem suscitada, não é mais necessário esperar que o indivíduo assimile as ideias e forme as imagens que serão provocadas por elas. Na comunicação direta das redes sociais é possível que se apresente primeiro as imagens e elas mesmas cristalizam por si o sentido que se deseja dar a uma palavra e as ideias que se deseja passar, normalmente imagens tecnicamente construídas para oferecer concepções de mundo, valores e ideologias prontas. Dessa forma, os sentimentos tradicionais cedem lugar à estímulos emotivos constantemente incitados por meio de imagens publicadas nas mídias digitais, a fim de introduzir ideologia e despertar esse apelo ao tradicional da forma que se é possível, com imagens que surtem forte efeito rapidamente e são substituídas também rapidamente por novas imagens de mesmo teor, constituindo uma linha ininterrupta de emoções instrumentalizadas que assumem força maior do que os sentimentos poderiam, devido a força ativa e o estímulo constante.

Para compreensão deste fenômeno utilizaremos a princípio enquanto recursos quatro imagens de Salvini, publicadas em suas redes sociais ou em matérias realizadas sobre ele, nas quais pode-se evidenciar uma construção ideológica dos sentimentos ideais de líder condutor pontuados por Le Bon e manipulação desses raciocínios simples para gerar emoção. Buscamos expor publicações realizadas por Salvini em seu Twitter a fim de contextualizar e fundamentar o raciocínio atrelado às imagens:

Figura 1: “Ultradireitista Salvini (esq.) na ilha da Sardenha:
selfies como arma política. Foto: DW/B. Riegert”



Fonte: Deustche Welle, 2019.

A primeira imagem é a representação típica do sentimento de glória vinculada ao líder. Capturada para uma matéria realizada pela Deustche Welle minutos antes de seu discurso de tributo ao nacional e contra imigração, é possível observar Salvini em um palco rodeado de apoiadores a espera para tirar uma foto ao seu lado, incluindo pessoas de fenótipo divergente daquele “originário da Itália”. Em uma observação mais atenta, podemos observar que em seu bolso guarda a mostra um ursinho de pelúcia presenteado por uma de suas entusiastas. Uma manipulação estética, essencialmente ideológica e emotiva de sua imagem, na qual demonstra seu prestígio, mas também seu amor por àqueles que o seguem e, conseqüentemente, às suas causas.

Figura 2: Reprodução de imagem publicada por Matteo Salvini em sua conta pessoal.



Fonte: Página de Matteo Salvini no Twitter, 2019.

A segunda imagem possibilita duas percepções fundamentais. Primeiramente a representação típica o sentimento de honra, através da exaltação da virtude da coragem em uma

foto que sorri cordialmente enquanto aparentemente está se aproximando de alguém com uma multidão a sua volta, seguida de uma mensagem que diz “Só quem tem coragem é um homem livre”, mas não apenas. Representa também o raciocínio simples que se deseja suscitar, por meio da imagem do homem livre, corajoso, em um momento de paz e união, seguida de uma frase descomplicada e forte para que o interlocutor não precise pensar profundamente para compreender a mensagem.

Figura 3: “Matteo Salvini bacia un crocifisso, Milano, 27 maggio 2019
(Emanuele Cremaschi/Getty Images)”



Fonte: Il POST, 2020

Um dos principais recursos emotivos mobilizados por Salvini e pela hodierna onda populista pode ser representado na terceira imagem. A força da religião no discurso de um líder condutor fora percebida brilhantemente por Le Bon e assinala uma das maiores potências das quais se utiliza esses líderes para alcançar poder nos tempos atuais. Apesar do sentido mudar de acordo com o período histórico, o sentimento religioso continua sendo aquele aclamado, sobretudo em tempos de crise e desorientação, como a promessa da paz e de um futuro melhor, como a promessa também de alguma forma de união, de comunidade e de identidade perdidos após o neoliberalismo. A massa, desprovida de sentido comum, é desprovida também do próprio sentido de si. A ausência de orientação e produção de significados conduz o indivíduo a uma posição de suscetibilidade às forças capaz de ofertá-los sem dificuldade. Uma das maneiras compreendidas por Le Bon para tal é a identificação de todos os ideologicamente divergentes enquanto inimigos, devido a sua efetividade em fornecer respostas fáceis à problemas complexos e, por consequência, atingir o fim desejado da figura do líder como

alguém disposto a salvar o povo de uma grande ameaça. Essa importante técnica de manipulação verificada por Le Bon é percebida também por intelectuais contemporâneos, como é apontado por Han “a evocação do inimigo oculta o verdadeiro problema, que tem uma causa sistêmica.” (HAN, 2022, p. 11). Um exemplo do citado fenômeno é a política anti-imigração comum a Salvini e outros líderes nacionalistas. O neoliberalismo, enquanto um sistema que legitima e acirra desigualdades e competições, por si só impõe e maneja carências [Verwerfungen] sociais em geral. Sem que haja correções do dado desequilíbrio “surge uma massa insegura e conduzida pelo medo, que se deixa facilmente ser cooptada por forças nacionalistas e populistas” (HAN, 2022, p.13). O recurso religioso, assim como o nacionalismo, são ideais para compor a narrativa do divergente enquanto inimigo, pois oferece parâmetros para identificar aqueles que são os meus, ou seja, aqueles que compartilham de mesma pátria e mesmo Deus, e aqueles que são os outros. Salvini manifesta brilhantemente tal mecanismo em seus discursos públicos e especialmente em suas redes sociais. Em um de seus vídeos publicados no Twitter de maior repercussão em 2019, é possível observar de início uma jovem vestida com hijab, traje típico da religião muçulmana, participante do *movimento delle Sardine*, um grupo organizado contra o político, exclamando fortemente em um tom de autoafirmação de sua identidade “Porque eu sou Nibras, sou mulher, sou muçulmana e sou filha de palestinos”. No vídeo é possível observar Salvini analisando a gravação do discurso da moça e ao terminar a reprodução responde: “E eu sou Matteo, sou cristão, filho de minha mãe que se chama Silvana e de meu pai que se chama Ettore. Espero não incomodar ninguém, porque em meu país a tradição que é cristã...” (SAVINI, 2019a, tradução nossa) e é interrompido por gritos de contentamento e aplausos. Em outro recorte publicado por ele da mesma participação em um talkshow, Salvini aparece falando sobre ser um italiano *orgulhoso de ser italiano* e que é necessário para ele que haja respeito por “nossa religião, nossa história e nossa cultura” (SAVINI, 2019b, tradução nossa), assim sendo, religião, história e cultura italiana, novamente recebe o apoio caloroso da plateia visivelmente satisfeita com seu posicionamento. No mesmo ano, em uma aparição pública no mercado de legumes e peixes da cidade de Alghero, Salvini exclama para um público em êxtase: “Vocês agora têm a escolha entre a Liga e a esquerda, a escolha entre futuro e a queda total. Vamos nos libertar dos esquerdistas!” (Deutsche Welle, 2019), considerando enquanto “esquerda”, portanto enquanto inimigos, todos aqueles que não compõem ou colaboram com o partido Lega. Em outros pronunciamentos acerca de imigrantes publicados no Twitter o político alega:

Figura 4: “Franco Roberti, procurador nacional antimáfia e antiterrorismo: “Os desembarques de imigrantes são uma AMEAÇA à segurança do país”.
Incrível. Uma reclamação clara e preocupante. Você já ouviu falar dela em alguma notícia? E enquanto o governo pensa em montar barracas nas cidades e encher escolas, quartéis e armazéns com imigrantes ilegais, os prefeitos da Liga se rebelam e dizem NÃO. Vamos, conseguimos caçar o mesmo barco que carrega os clandestinos e políticos de esquerda! #pareainvasão”, tradução nossa.



Matteo Salvini

10 MIN. • 🌐



Franco Roberti, procuratore nazionale antimafia e antiterrorismo: "Gli SBARCHI di immigrati costituiscono una MINACCIA alla sicurezza del nostro Paese".
Incredibile.
Una denuncia chiara e preoccupante.
Ne avete sentito parlare in qualche telegiornale?
E mentre il governo pensa a montare tendopoli nelle città e a riempire scuole, caserme e capannoni di clandestini, i Sindaci della Lega si ribellano e dicono NO.
Dai che ce la facciamo a cacciare sullo stesso barcone clandestini e politici di sinistra!
#stopinvasione

O governo está tagarelando e 400 imigrantes desembarcam em Brindisi. Boldrini e Renzi comemoram, os italianos não. (SALVINI, 2017c, tradução nossa).

Com a #decretosalvini os requerentes de asilo que traficam e fazem bagunça são levados pela orelha e mandados de volta para onde vieram. (SALVINI, 2018d, tradução nossa).

Hospitalidade para quem realmente foge da guerra, mas para criminosos, traficantes e assassinos que trazem a guerra para nossa casa só há uma solução: EXPULSÃO. A dádiva de Deus acabou! (SALVINI, 2019e, tradução nossa).

Os mafiosos nigerianos são violentos e sem escrúpulos. Eles controlam os círculos de drogas e prostituição. Nossas Forças Policiais estão se atualizando para combater essas unidades criminosas, que em alguns casos chegaram

ilegalmente ao país. (SALVINI, 2019f, tradução nossa).

A esquerda, derrotada pelos italianos, usa todos os meios para me atacar e não abrir mão do poder. Como ministro, luto e lutarei contra todas as formas de violência: a máfia e os terroristas não me assustam, muito menos me assustam os falantes de esquerda! #eunãodesisto (SALVINI, 2019g, tradução nossa).

Figura 5: Reprodução de imagem publicada por Matteo Salvini em sua conta pessoal. “A segurança volta, a coragem volta.”, tradução nossa.



Figura 6: “O véu islâmico como futuro da Europa nos cartazes da Comissão Europeia?

Não obrigado, preferimos a liberdade e os direitos.”, tradução nossa.



Ambos os vídeos, o discurso registrado pela emissora Deutsche Welle e as imagens e trechos publicados por Salvini demonstram a delimitação de uma identidade fundamentada na ideia de pátria e religião, em contrapartida à linguagem política dicotômica e maniqueísta na delimitação de um inimigo comum na figura do divergente de posicionamento e crença e do imigrante, fundamental para fomentar o imaginário desta identidade, um discurso que não apenas convence, mas cria emoção. Vale aqui ressaltar a última publicação analisada acima por tornar notória a construção da identidade ser marcada pela diferenciação dos inimigos, quando coloca que a “esquerda foi derrotada pelos *italianos*”, negando a cidadania, portanto a identidade nacional dos indivíduos politicamente divergentes a partir da classificação e distinção entre o povo verdadeiro e o “não povo” (TARCHI, 2015). Os exemplos também evidenciam o funcionamento dos meios de ação propostos por Le Bon: I) a afirmação, proferida de maneira firme, mediante raciocínio simplificado e superficial; II) a repetição, através de atos públicos, entrevistas e redes sociais; III) por último, o contágio, um fenômeno que ganha ainda mais força quando submetido aos imperativos do avanço tecnológico, no qual se pode postar imagens chocantes de corredos caóticos que possam corroborar com sua retórica em qualquer lugar do mundo ou até mesmo manipular uma imagem sem esforço para expor o que julgar conveniente e então basta um clique para publicar e a imagem, notícia ou pronunciamento ganha a capacidade de tornar-se viral.

Figura 7: Reprodução de imagem publicada por Matteo Salvini em sua conta pessoal.



Figura 8: “Pronto para falar com você da câmara do Senado. Com coragem, amor e liberdade, os italianos sempre vêm em primeiro lugar!”, tradução nossa.



Embora a massa que Gustave Le Bon pudera analisar seja distinta da massa contemporânea em objetivos, valores, contexto histórico e social, a investigação sobre sua constituição atravessa séculos e, se atualizada, é válida em diversos períodos e contextos nos quais um líder capaz de conduzir massas emergiu. A quarta imagem é a representação típica do sentimento de patriotismo ou nacionalismo, uma imagem, como as outras, crucial na construção da figura do líder populista. Une diversos recursos e significados, dentre eles o sorriso cordial, demarcando proximidade e afeição para com seus interlocutores, o coração dando continuidade a essa ideia de relação próxima e afetuosa, a bandeira da Itália dentro do coração, como símbolo de um amor a pátria e a mensagem: “Bom dia! Com a Itália no coração.”. Um bálsamo para acalmar os anseios, medos e inseguranças daqueles aflitos com os problemas dessa nova sociedade. Seguida por uma imagem igualmente ou até mais representativa do nacionalismo, na qual Salvini reproduz o *slogan* próprio de regimes historicamente totalitários e populistas, “prima gli Italiani!”, cumprindo a mesma função normativa sobre a qual foi aplicada nos outros contextos sociais: “Deutschland Über Alles”, “American first!”, “Brasil acima de tudo!”. Se faz

relevante que pontuemos aqui a primeira frase citada, *Deutschland Über Alles*, visto que se trata de uma incitação do partido nazista na Alemanha durante o Terceiro Reich. É conhecido que algumas figuras como Benito Mussolini, Vladimir Lenin e Adolf Hitler tenham lido e se inspirado nos escritos de Le Bon, que apesar de ter seus estudos desconsiderados por grande parte dos teóricos e estudiosos do meio acadêmico devido ao teor conservador, não se pode negar a influência nos atos, comportamentos, pronunciamentos e escritos de tais líderes totalitaristas. A incitação do partido nazista pode ser encontrada também na obra *Mein Kampf* (1925) de Adolf Hitler. A obra escrita por Adolf Hitler parece seguir passo-a-passo daquilo que fora apresentado por Le Bon em *Psicologia das Massas*. Compreende pontos fundamentais de como impressionar da *alma coletiva*: A exaltação ao nacional, a exposição minuciosa das mazelas do *povo originário*, a vontade forte de resolver todos os problemas dispostos na sociedade alemã, a identificação dos inimigos como uma delimitação explícita da própria identidade, a articulação de um logos essencialmente emotivo e a incitação do mesmo acima de um logos racional, a descrição de sua dura trajetória recheada de frustrações e o rumo até alcançar a glória como enobrecimento de seu prestígio pessoal, a crença fiel de tudo que proclama. É notório também seu êxito em narrar tudo o que acredita de forma convincente, capaz de comover espíritos carentes de referência e de motivação, como em outras citações como e demonstrar sistematicamente seu profundo conhecimento da *alma coletiva*, da *psicologia das massas*. Expõe até mesmo os passos necessários para nacionalizar uma massa, isto é, de como impressioná-la o suficiente para proclamar e viver a fé de seu incentivador. Seus escritos seguem a receita universal das massas exposta por Le Bon e, mudando o que deve ser mudado, pode também ser observada sendo manifestada por grande parte dos políticos populistas contemporâneos diariamente em seus *tweets*.

É importante ressaltar ainda uma outra conexão axiomática entre as figuras que aqui analisamos. O *prestígio* que assume um líder condutor de massas é uma de suas características mais significativas, já que é ele que o torna alguém a ser seguido. O *prestígio adquirido* no contexto atual importa menos do que importava quando Le Bon escreveu sua obra. Tanto pelo nome que o líder carrega ou pela fortuna que herdara, pouco é capaz de repercutir algum efeito duradouro e incitador nas pessoas. O *prestígio* ao qual nos referimos ao falar da maioria, para não dizer todas as figuras emblemáticas atuais é o *prestígio conquistado*, aquele possível de ser disposto em uma narrativa, recheada das mais inflexíveis convicções e de um histórico pessoal que o destaque enquanto um ser capaz de refletir o mais íntimo daquilo que se pensa e não é verbalizado, enquanto capaz de compreender e solucionar todas as mazelas contidas em sua

Deep Story (HOCHSCHILD, 2016).

Uma *deep story* é, nas palavras da socióloga norte-americana Arlie Russel Hochschild, “uma história sentida como tal — é a história que os sentimentos contam, na linguagem dos símbolos. Ele remove o julgamento. Ele remove o fato. Ela nos diz sobre como as coisas são sentidas.” (HOCHSCHILD, 2016, p.113, tradução nossa). O conceito de *deep story* nos conecta diretamente a constituição da mentalidade da massa. Não existe a necessidade que mantenha relação direta com a realidade, muitas vezes há uma distorção ou falta de compreensão do fato em si e isso em nada altera sua potência impulsionada pela alta carga emotiva agregada. A história profunda é a história emocional. Contempla as ansiedades, os medos, os desapontamentos, a perda, o orgulho, a esperança, a vitória. Devido a sua carga emotiva, é facilmente instrumentalizada por aqueles capazes de captá-la e impressioná-la. Hochschild desenvolve o conceito a fim de compreender a razão pela qual um ator político da extrema direita obteve grande quantidade de votos advindos dos habitantes de uma das cidades mais afetadas pela política própria do posicionamento aliado à direita, a Luisiana, um comportamento aparentemente contraditório, visto que estariam votando contra suas próprias necessidades econômicas. A conclusão que chega remete ao fenômeno que Le Bon já havia reconhecido: não se trata da negação de suas necessidades econômicas, políticas, racionais. Se trata da afirmação de suas necessidades emotivas. Não existe e nem tem como existir meio de ação movido pela razão que faça efeito quando a carência a ser alimentada é a da emoção. A *deep story* comum a uma massa é a base sobre a qual desponta as características da *alma coletiva*, é a partir dela e por ela que a alma coletiva age, conversando com as carências e ressentimentos de sua narrativa e criando uma “comunidade de emoções” (VIRILIO, 2012, p.30).

4. POPULISMO DIGITAL

Embora no decorrer dos capítulos anteriores o mundo digital tenha sido abordado devido a sua indissociabilidade de qualquer questão social que permeie a contemporaneidade, é necessário que deixemos aqui registradas algumas considerações acerca desse fenômeno que hoje é base da economia, da cultura e certamente da política. A intermediação por redes sociais digitais é uma revolução nas possibilidades de manifestar-se politicamente. Em todos os perspicazes estudos de Le Bon acerca do líder, jamais pudera imaginar tal advento e o poder que teria essa figura a partir de então.

Gustave Le Bon, em *Psicologia das Massas*, observa que os representantes políticos seriam os servidores da massa de trabalhadores (HAN, 2018), demarcando uma relação e

representação política ativa, forte, que encontra ressonância e espaço para ser. Portanto, em seu contexto histórico tão distinto do contexto atual, está fazendo alusão a uma massa capaz de assimilar o coletivo, assimilar o *político*, de se organizar em conjunto por manter valores e propósitos políticos em comum, como o pertencimento a uma classe ou a aliança à uma luta social.

A massa a qual nos referimos atualmente é a *massa digital*. Uma massa que já não está submetida aos ímpetus do espaço político, em verdade esse espaço fora substituído por um espaço *autorreferencial*, assim como também a organização coletiva política fora substituída por enxames de *unos barulhentos* (HAN, 2018, indivíduos afetados pela *egoificação* e *narcisificação* própria do tempo presente, um tempo que é -e teve de ser para bem servir ao neoliberalismo- hipercompetitivo, hiperindividual e hiperhedonista. Um trio de “hiper” que esgota as outras dimensões alternativas possíveis, a dimensão da solidariedade, coletividade e equilíbrio, e atomiza o ser humano, vertido de *cidadão a consumidor* (HAN, 2018). As redes sociais são o seu espaço de criação de vínculos sociais e políticos. Elas substituem a necessidade de um discurso político extenso e recheado de propostas, discurso este sobre o qual Umberto Eco identificou que acaba por gerar muitas vezes uma incompreensibilidade, deixando um vazio entre si e o povo que fora preenchido por políticos populistas contemporâneos, eficientes em se utilizar de toda a simplificação de linguagem possível para atingir aqueles que compõem sua força: o povo. Bastam hoje pequenos pronunciamentos em que se expõe com vigor, rigidez e grosseria orgulhosa frases de efeito compostas por palavras coloquiais, precisas, palavras *de todos e para todos* (ANTONELLI, 2017) para que se possa avaliar a capacidade de governança e demonstrar sua satisfação com o botão de curtir e comentários respaldados por ferramentas agramaticais, como os *emojipops*, uma nova simplificação do *logos* que fortalece ainda mais a primazia do raciocínio simples na comunicação, especialmente para este trabalho na política. É necessário apenas uma pequena imersão nos comentários deixados em publicações dos líderes populistas para verificar a utilização de *emojipops*, dentre eles a bandeira do país que o líder representa, as figuras do braço forte, das mãos levantadas para o alto em sinal de rogativa e diversos corações em variedade de cores, condensando alguns aspectos fundamentais da configuração da massa, tais como o patriotismo, o desejo por um líder forte e enérgico, a crença religiosa que veste as convicções políticas e sociais e, por último, os corações representando o amor que se entrega e se espera do líder -em um contexto de atomização social, o estímulo das emoções que remontam ao sentimento do amor é preciso em oferecer preenchimento para os espíritos carentes de vínculos seguros, criando consentimento e aceitação. Até mesmo as

palavras, frases e fórmulas, nesse contexto, assumem as formas de emoticons emojis: vazios de argumentação, mas eficazes em apresentar uma ideia simples, prática, emotiva, mecanismo denominado por Giuseppe Antonelli de *emologismo*. Apresentaremos algumas publicações de Salvini para a demonstração do citado fenômeno:

Figura 9: “Eu sabia que lutar contra a máfia e o negócio da imigração ilegal me traria alguns inimigos poderosos. Não tenho medo de ataques de todos, sigo mais forte do que nunca. P.s. #SalviniNãoDesista em PRIMEIRO nas tendências do Twitter! Obrigado! Eu não desisto!!!”
tradução nossa.



Figura 10: “Bom dia, amigos! Posso te desejar um bom sábado?”, tradução nossa.



A imagem acima nos permite verificar a utilização do *emojipop* de coração aliada ao uso da palavra “amigos” para se referir ao público que o segue, recursos muito utilizados por Salvini para estimular a sensação de proximidade e emoções felizes nos interlocutores.

Figura 11: “HONRA às mulheres e homens da Polícia e do Exército.
Bom dia amigos”, tradução nossa.



Figura 12: “Grande avanço dos amigos da @vox_es, aposto nas manchetes e jornais prontos na “vitória da extrema direita, racistas, soberanos, fascistas...”.

Sem racismo e fascismo, na Itália como na Espanha só queremos viver pacificamente em nossa casa. #portasfechadas”, tradução nossa.



Figura 13: Seu entusiasmo e sua energia são minha força diária. Se você estiver lá, pode ter certeza que eu sempre estarei lá! Bom dia amigos”, tradução nossa.



Figura 14: “Maratea: que maravilha! Essas são as enquetes que eu amo💖
Não paramos, mesmo na Basilicata em 24 de março fazemos história.
#PrimeiroOsItalianos #24deMarçoVotoNaLiga”, tradução nossa.



Nestas imagens podemos observar diversos aspectos do populismo contemporâneo. A utilização do *emojipop* da bandeira italiana para salientar o nacionalismo e o amor à Pátria; o *emojipop* de coração combinado ao da bandeira, reforçando esta tendência; as fotos que, combinada aos emojis possibilitam a visualização completa da mensagem de proximidade, amor e carisma para com os seus. São inúmeros os recursos utilizados em imagens aparentemente inocentes e desprovidas de intencionalidade que constituem os meios da ação populista.

Figura 15: “Por uma Itália forte, fundada não no bem-estar, mas no crescimento e nos investimentos. Se você está lá, eu estou lá! 🇮🇹”, tradução nossa.



Matteo Salvini ✓
@matteosalvinimi

...

Per un'Italia forte fondata non sull'assistenzialismo ma sulla crescita e sugli investimenti. Se voi ci siete, io ci sono! 💪

VIDEO COMPLETO ➡

[Traduzir Tweet](#)



facebook.com

Matteo Salvini - "Sono comunista da 50 anni, ma oggi v...
1.1M views, 37K likes, 2.1K loves, 9.8K comments, 12K shares, Facebook Watch Videos from Matteo Salvini: ...

5:19 AM · 12 de ago de 2019 · Twitter for iPhone

247 Retweets 25 Tweets com comentário 1.924 Curtidas



O recurso utilizado na imagem acima contribui igualmente para o estímulo às emoções e para a construção da imagem de força necessária ao líder. O *emojipop* dos bíceps fortes é um dos mais utilizados por líderes populistas com a finalidade de demonstrar sua força na resolução dos problemas e na condução do povo.

As redes sociais alteram a qualidade, mas alteram também o tempo da comunicação, consequentemente o tempo da assimilação da informação e o tempo entre o entendimento e a ação, ou a entendimento e a reação. A aceleração social (ROSA, 2013) resultante da ideologia neoliberal somada à possibilidade objetiva de aceleração dos meios materiais proporcionada pelo avanço da tecnologia, gera impacto na relação entre o indivíduo e si mesmo, entre o indivíduo e os outros, e o trabalho, e a política. Tudo passa pelo crivo da aceleração, tudo deve ser assimilado e respondido de forma rápida, o que colabora com o aspecto não cognitivo do indivíduo, tendo por certo que compreender uma questão e pensar em vias de ação racionais demanda o tempo da abstração. Se bem percebermos, todos os caminhos de ação e percepção construídos no neoliberalismo colaboram para o aspecto emotivo: se não há tempo para absorver racionalmente o que recebi e pensar para deliberar o que fazer, qual será a motivação da minha ação senão a emoção? Também não é por acaso que colaboram. A aceleração interessa

para o sistema de produção capitalista neoliberal, uma vez que dinamiza a produção. Mas não só por isso, a contração do tempo entre a informação e a ação faz com que o indivíduo já não racionalize o que consome, de onde provém, para que serve, se realmente existe necessidade. Tudo que é construído pelo neoliberalismo apresenta um sentido no hiperconsumo, tudo também pode ser utilizado pelo populismo para aperfeiçoar seus procedimentos e incluir em sua retórica.

O marketing corrobora rumo a essa transformação na antropologia do indivíduo. Ainda que Le Bon tenha bem compreendido que o cerne da movimentação de massas não estaria na essência real de seu animador, mas sim na sua capacidade de fazê-las crer naquilo que se afirma, a força do marketing em gerar consentimento atualiza para um outro nível essa constatação. O marketing está igualmente presente em tudo, incluindo nas redes sociais. Tudo que se expõe é aquilo que se deseja vender, seja em mercadoria, seja em experiências, em estética, em modos de vida e até mesmo em perspectivas e posicionamento. Tudo é vertido em produto. O papel do anunciante –seja o vendedor, o influenciador ou o político- é utilizar imagens que impressionem e uma retórica, simples em conteúdo e exagerada na afirmação, para convencer de o que tem a oferecer é realmente útil. O papel do consumidor é aceitar passivamente o bombardeamento de ofertas, participando politicamente apenas de forma *colateral*, de forma que “O botão de curtir é a cédula eleitoral digital. A internet ou o smartphone são o novo local de eleição. E o clique do mouse ou um rápido toque com o dedo substitui o “discurso”.” (HAN, 2018, p.XX) e oferecendo a sensação de uma maior democratização na relação política.

Alessandro Dal Lago, em sua investigação acerca da mediação da política pelas redes sociais, apresenta que em 2010 o número de jornais vendidos nos Estados Unidos foi equivalente a quantidade de jornais vendidos em 1950 no país, quando a população era aproximadamente a metade, um dado demonstra o marcante fenômeno do declínio das mídias tradicionais. O descrédito e, conseqüentemente, o desuso de tais mídias tem raiz diretamente ligada à essa sensação de maior democratização possibilitada pelas redes sociais, tanto no que toca a sensação de uma participação mais ativa possibilitada pela comunicação direta e pelo alcance que assume as ideias quando publicadas nas redes, como também pela imagem de parcialidade que as mídias tradicionais assumiram com o passar do tempo. Certamente não se pode negar a influência da televisão, rádio e jornais na ruína e ascensão de determinados partidos e atores políticos, muitas vezes por razões idôneas, também muitas vezes por manter de interesses terceiros. A mídia tradicional passou a ser popularmente identificada enquanto ideologicamente enviesada, corrupta e alienante, ao passo que as redes sociais passaram a representar o mundo

aberto, a participação direta, a comunicação livre, segundo Dal Lago “Aqui está a imagem ideal do papel revolucionário da rede [...] a rede permite a (aparência de) auto-organização de movimentos impermeáveis ao condicionamento do *establishment político* e informacional.” (DAL LAGO, 2017, p.5, tradução nossa). Desta forma, o aspecto de democratização e ausência de controle sobre os meios de produção e reprodução de informação intrínseco à mediação da relação política pelas redes sociais corrobora com a instrumentalização da liberdade comum ao neoliberalismo. Ainda que seja uma liberdade de expressão e opinião “condicionada por um conjunto de pressupostos (linguagens e protocolos da web, algoritmos de busca, motores, redes)” (DAL LAGO, 2017, p.5, tradução nossa) o que importa é a sensação que produz, assim como todas as outras formas de liberdade aparente à quais o indivíduo está submetido no neoliberalismo, a liberdade de ir e vir, a liberdade no trabalho, a liberdade no amor. Todas estão condicionadas e submetidas ao imperativo da ideologia que se camufla por trás da aparência livre, como se nadássemos em um aquário, aparentemente livres, no espaço e direção que vem desejarmos, mas na realidade presos em um ambiente artificial e correspondendo à interesses que não conhecemos, que sequer sabemos (IPPOLITA, 2012).

A contração do tempo significa no mundo contemporâneo uma contração também da distância. O sujeito digital (DAL LAGO, 2017) é aquele que integra a nova massa, também digital. A massa agora não depende mais de um espaço para existir, o espaço comum é o espaço das redes sociais, por onde se manifestam, criam reconhecimento entre indivíduos independente de onde estejam. Se Le Bon analisou que em massa as ideias ganham força para se manifestar, agora observamos uma atualização: as ideias da massa estão em livre circulação pela internet, os algoritmos transmitem tais ideias para outras pessoas que as compartilham, curtem e comentam, a potencializando. A comunidade digital é o ambiente perfeito para o populismo. Não há restrição de tempo, espaço, alcance ou intensidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor uma análise comparativa entre as figuras do condutor das massas descrito por Gustave Le Bon e o líder populista contemporâneo, a monografia buscou: I) compreender o movimento dos fenômenos históricos em sua capacidade ativa de ser reproduzir em diferentes períodos que apresentarem condições semelhantes; II) apresentar os nexos causais entre as figuras a partir de uma análise também histórica, mas intrinsecamente sociológica dos fatores que possibilitam sua emergência, demarcados na teoria de Antonio Gramsci acerca de transição de época e em sua necessária compreensão acerca dos impactos sociais gerados a partir desta; III) colaborar com o incentivo à investigação sociológica das emoções, visto sua evidente essencialidade na justificativa e motivação por trás de fenômenos de aparência racionalmente incompreensíveis, estando na base da análise de Le Bon já em 1895, mas, arriscamos analisar, ainda mais necessária de ser analisada em um período em que as emoções permeiam todas as arenas da vida humana e são estimuladas incansavelmente pela força social hegemônica, adicionando, para além disso, a força inaudita das redes sociais para contribuir e reforçar o estímulo emotivo.

Para isso, contamos com uma base teórica de sociólogos referências da análise das emoções, tal como Eva Illouz, Byung-Chul Han e Arlie Russel Hochschild, em suas brilhantes análises que captam as emoções enquanto construtos sociais e culturais, de causalidade objetiva e com possibilidade factual de ser compreendida em sua objetividade, que oferecem luz para compreendermos as emoções em suas manifestações políticas e a forma como podem ser e são instrumentalizadas pelas forças sociais em seus mecanismos. Um exemplo a ser salientado é a instrumentação do medo -importante categoria emotiva para o condutor das massas e para o líder populista- nas redes sociais, às quais Paul Virilio forneceu base para nosso entendimento. Na análise dos imperativos da contemporaneidade, foram utilizadas teorias essenciais para a compreensão deste novo período histórico e suas implicações, como a investigação da aceleração temporal e social de Hartmut Rosa, e a realização da política em um contexto neoliberal de Wendy Brown e Han,

A imersão no contexto histórico do condutor das massas foi desempenhada através da narrativa de Karl Marx. Uma interessante contraposição, visto que a massa relatada por Le Bon fora a massa incitada por valores socialistas, como ele mesmo explicita, por tanto os feitos realizados por esta massa são equivalentes aos feitos que Marx se dedicou em descrever. A massa apresentada por ambos os teóricos é a mesma, apenas se altera a perspectivas, portanto

utilizamos do paralelo a fim de atingir uma amplitude na capacidade de visualizar o panorama e, a partir disto, classificá-lo, criando meios para uma análise comparativa entre o líder que irrompe de tal contexto com o líder populista.

Elegemos para a compreensão do populismo contemporâneo os estudos realizados pelos cientistas políticos italianos Marco Tarchi e Alfio Mastropaolo, por se tratarem de autores que vivenciam a manifestação política do populismo e seus desdobramentos na Itália, país em que o populismo contemporâneo é analisado em suas primeiras manifestações, país também do ator político que buscamos investigar, portanto vivenciaram tais manifestações imersos no campo e puderam observar seus impactos e consequências na sociedade italiana. Tarchi e Mastropaolo captaram o populismo contemporâneo em sua retórica, motivação e desdobramentos, portanto compreende-se aqui que são indispensáveis no processo de tornar inteligível o fenômeno na busca de uma comparação de sua figura. Embora a comparação seja o cerne da análise em questão, não deixamos de destacar sua singularidade histórica em que se apresenta, influenciada e submetida à uma organização econômica e, conseqüentemente política, nova, bem como às redes sociais, o novo espaço sobre qual se desenvolve a política. O presente trabalho avalia, portanto, que a discussão acerca do populismo contemporâneo é inerentemente à discussão acerca de um populismo digital (DAL LAGO, 2017), empregando a devida importância ao advento das redes sociais. Em função disto, o discurso de Matteo Salvini foi analisado por meio de suas publicações em redes sociais, em especial no Twitter, rede mais utilizada por Salvini, na qual realiza publicações expondo seus valores e ideologias e propõe um canal aberto entre o que tem a dizer e o povo, que assimila e interage com Salvini em concordância e apoio ou até mesmo em discordância, entretanto os que discordam são aqueles que Salvini previamente classificou em seu discurso enquanto os inimigos da Pátria. Das redes sociais, analisamos a retórica que muda de morfologia mediante a simplificação da linguagem política analisada por Giuseppe Antonelli e a estética política (CARNEVALI, 2012) contida em suas manifestações imagéticas.

O esforço comparativo foi realizado em todo o trabalho, sobretudo no terceiro capítulo, no qual pudemos apresentar as características do líder populista e sua respectiva correspondência no condutor das massas de Gustave Le Bon. Pudemos compreender, com base nesta comparação, que embora tenha se passado mais de um século desde que Le Bon escreveu *Psicologia das Massas*, os desafios para as ciências que desejem reparar as consequências da formação da massa e das forças sociais despóticas que se erguem a partir delas são ainda maiores. Nosso trabalho não apenas pôde comparar as figuras dos dois contextos, mas indicou

uma evolução na capacidade ativa do líder contemporâneo, uma maximização de suas possibilidades e uma capacidade alienante, dispondo de mecanismos também mais desenvolvidos, a partir dos quais podemos concluir apontando para a dúvida que nos deixa o futuro, visto que o aperfeiçoamento do neoliberalismo não esgota suas fontes aqui, tampouco suas consequências.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONELLI, Giuseppe. *Volgare Eloquenza. Como le parole hanno paralizzato la politica*. Bari-Roma: Editori Gius, Laterza & Figli, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*; tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *Generación global*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 2008.

BROWN, Wendy. *Undoing the Demos: neoliberalism's stealth revolution*. New York: Zone Books, 2015.

CARNEVALI, Barbara. *Le apparenze social: una filosofia del prestigio*. Bologna: Il Mulino, 2012.

DAL LAGO, Alessandro. *Populismo digitale. La crise, la rete e la nuova destra*. Milão: Raffaello Cortina Editore, 2017.

DEUTSCHE WELLE. *Como Itália sucumbe ao fascínio populista de Matteo Salvini*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-a-it%C3%A1lia-sucumbe-ao-fasc%C3%ADnio-populista-de-matteo-salvini/a-47637856> (Acesso em: 12 de Abril de 2022)

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. São Paulo: Editora Shwarcz S.A., 2019, p. 93.

FREVERT, Uta. “*Was haben Gefühle in der Geschichte zu suchen?*” *Geschichte und Gesellschaft*, 35 (2009).

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3, edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital* / Byung-Chul Han; tradução de Lucas Machado. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje* / Byung-Chul Han ; tradução de Lucas Machado – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. *Strangers in Their Own Land: ANger and Mouring on the American Right*. Nova York: The New Press, 2016.

ILLOUZ, Eva. *Why Love Hurts: A Sociological Explanation*. Cambridge; Malden: Polity, 2015

IPPOLITA. *Nell'acquario di Facebook. La resistibile ascesa dell'anarco-capitalismo*. Milão: Ledizioni, 2012.

LE BON, Gustave. *Psicologia das Multidões*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, 3a edição.

MARX, Karl. *A guerra civil na França* / Karl Marx; seleção de textos, tradução e notas Rubens Enderle ; [apresentação de Antonio Rago Filho]. – São Paulo : Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *Le capital*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969, no213.

MASTROPAOLO, Alfio. *La mucca pazza della democrazia. Nuove destre, populismo, antipolitica*. Turim: Editora Bollati Boninghieri, 2005.

ROSA, Hartmut. *Social Acceleration: a new theory of modernity*. Nova York: Columbia University Press, 2013.

SALVINI, Matteo. E io sono Matteo, sono cristiano, sono figlio di mia mamma che si chiama Silvana e di mio papà che si chiama Ettore, spero di non dare fastidio a nessuno!. 27 de Dezembro de 2019a. 11:03. Twitter: @matteosalvinimi. Disponível em: <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1210561858786283526> (Acesso em: 08 de Maio de 2022)

SALVINI, Matteo. Mi sembra solo buonsenso: che integrazione ci può essere senza rispetto della nostra storia e della nostra cultura?. 27 de Dezembro de 2019b. 9:08. Twitter: @matteosalvinimi. Disponível em: <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1210532943703269378> (Acesso em: 08 de Maio de 2022)

SALVINI, Matteo. Il governo chiacchiera e 400 immigrati sbarcano a Brindisi. La Boldrini e Renzi festeggiano, gli italiani no. #stopinvasione. 30 de Junho de 2017c. 9:42. Twitter:

@matteosalvinimi. Disponível em:

<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/880768552629874688> (Acesso em: 08 de Maio de 2022)

SALVINI, Matteo. Con #decretosalvini richiedenti asilo che spacciano e fanno casino vengono presi per l'orecchio e riportati da dove sono venuti. 27 de Novembro de 2018d 20:04. Twitter: @matteosalvinimi. Disponível em:

<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1067539696866287616> (Acesso em: 08 de Maio de 2022)

SALVINI, Matteo. Accoglienza per chi scappa veramente dalla guerra, ma per delinquenti, spacciatori e assassini che la guerra ce la portano in casa c'è solo una soluzione:

ESPULSIONE. La pacchia è finita! 27 de Novembro de 2018e 20:04. Twitter:

@matteosalvinimi. Disponível em:

<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1067387156233183233> (Acesso em: 08 de Maio de 2022)

SALVINI, Matteo. Mafiosi nigeriani sono violenti e senza scrupoli. Controllano giri di droga e prostituzione. Nostre Forze dell'Ordine si stanno aggiornando per combattere queste unità criminali, che in alcuni casi sono arrivate clandestinamente nel Paese. 25 de Fevereiro de 2019f. 18:04. Twitter: @matteosalvinimi. Disponível em:

<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1100139420307636226> (Acesso em: 10 de Maio de 2022)

SALVINI, Matteo. La sinistra, sconfitta dagli italiani, usa ogni mezzo pur di attaccarmi e non mollare il potere. Da ministro combatto e combatterò ogni forma di violenza: non mi spaventano mafiosi e terroristi, figuriamoci se mi fanno paura i chiacchieroni di sinistra!

#iononmollo. 25 de Fevereiro de 2018g. 01:05. Twitter: @matteosalvinimi. Disponível em:

<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1023962799729504257> (Acesso em: 10 de Maio de 2022).

TARCHI, Marco. *Italia populista. Dal qualunquismo a Beppe Grillo*. Bolonha: Editora Il Mulino, 2015.

VIRILIO, Paul. *The Administration of Fear*. [Entrevista concedida a] RICHARD, Bertrand. Los Angeles: Semiotext(e), 2012

FIGURAS:

Figura 1 disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/como-a-it%C3%A1lia-sucumbe-ao-fasc%C3%ADnio-populista-de-matteo-salvini/a-47637856> > Acesso em 02 de Maio de 2022.

Figura 2 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1211220331215695873> > Acesso em 02 de Março de 2022.

Figura 3 disponível em: < <https://www.ilpost.it/2020/08/04/lega-nord-lega-salvini-premier/> > Acesso em 02 de Março de 2022.

Figura 4 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/879959183025745921> > Acesso em 02 de Março de 2022.

Figura 5 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1492466246838853638> > Acesso em 02 de Março de 2022.

Figura 6 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1550145108670136322> > Acesso em 21 de Julho de 2022.

Figura 7 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1211540560303050752> > Acesso em 02 de Março de 2022.

<https://drive.google.com/drive/folders/14bEX5Ybyk4zmxBYg89ew94LVUYanzy-F>

Figura 8 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1163795164864888832> > Acesso em 02 de Março de 2022.

Figura 9 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1129053118996635648> > Acesso em 10 de Dezembro de 2021.

Figura 10 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1195610792651055104> > Acesso em 10 de Dezembro de 2021.

Figura 11 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1192709937199276032> > Acesso em 10 de Dezembro de 2021.

Figura 12 disponível em: < <https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1193628450722111488> > Acesso em 10 de Dezembro de 2021.

Figura 13 disponível em:

<<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1192348471338176523>> Acesso em 10 de Dezembro de 2021.

Figura 14 disponível em:

<<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1106640789671677953>> Acesso em 10 de Dezembro de 2021.

Figura 15 disponível em:

<<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/1160828253361364995>> Acesso em 10 de Dezembro de 2021.